

OBRAS DE JOÃO PENHA

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

ELSA PEREIRA

VOL. III
TOMO II – APARATO CRÍTICO



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FICHA TÉCNICA

**Título: Obras de João Penha. Edição crítica e estudo
Vol. III – Tomo II – Aparato crítico**

Autora: Elsa Pereira

Prefácio: Francisco Topa

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-8351-43-2

Depósito Legal: 403122/15

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Porto

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013 e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Contou ainda com o apoio de uma Bolsa de Investigação da FCT (referência SFRH/BD/41413/2007), financiada pelo POPH – QREN – Tipologia 4.1. – Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência.

A autora é bolseira de Pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/92155/2013), investigadora do CLUL e colaboradora do CITCEM, que acolheu e apoiou este projeto.

SUMÁRIO

APARATO CRÍTICO

I – Versos

1. Éditos

1.2. Publicações esparsas

531. Folhetim – I – Musa, a quem me prendi nos magicos enleios	17
Folhetim – II – Na fronte acanhada, sem rugas, luzente,	18
Folhetim – III – Era uma noite de junho	19
Folhetim – IV – E dando fim á cantiga	20
Folhetim – V – A mulher!... tremendo esphinge!	21
Folhetim – VI – Aquelles grandes passeios	22
Folhetim – VII – Mas depois quando o Chaga se viu só	23
Folhetim – VIII – Foi um viver semsabor	24
Folhetim – IX – Á porta da sua amada,	25
532. S. L.	28
533. Mulher! eu vou partir a largos passos	29
534. Quanto sou desgraçado! Na campina	30
535. Nupcias	31
536. Consagração	32
537. A um poeta anonimo	33
538. A um poeta que se sangrou	36
539. N'uma confeitaria	37
540. Tout passe	38
541. Na vareta d'um leque	39
542. O canto do cysne	40
543. A receita	41
544. Conselho amigavel	42
545. Egoismo disfarçado	43
546. Ouro é...	44

547. Petição de um ladrão a um rei, seu vizinho	45
548. O que há de ser o seculo futuro?	47
549. Garrett	48
550. Um bibliophilo	50
551. Em prosa	51
552. Amor divino	52
553. Lambaça	54
2. Inéditos e privados	
554. Des sages conseils à Mr. J. Machado	61
555. Brinde particular	62
556. Estrophe	63
557. Santo Antonio	64
558. Confidencias	65
559. Ao toucador	66
560. Entre amigos	67
561. Para namôro	68
562. Grave	69
563. Lausperenne	70
564. O Infante D. Henrique	73
565. Madrigal	74
566. Epithaphio	75
567. A fada	76
568. O adeus	78
569. Comedia acta est	79
570. Orlando furioso	80
571. Cahida do pedestal	81
572. Trovas	82
573. Madrigal	83
574. Duplo madrigal – O bardo	84
Duplo madrigal – O critico	85
575. Versos a Zulmira	86
576. Encyclica	87
577. Os dous lirios	88

578. Zi a Zú	89
579. Num postal	90
580. Linda, honesta e vaidosa	91
581. Boas festas a D. Nathalia de Mello	92
582. Envoi de boas festas	93
583. A Zuzú	94
584. O meu sol	95
585. Alecrim do Norte e Lilaz da Persia	96
586. A Zulmira	97
587. Nathalia	98
588. Á Nathalia	99
589. N'um postal	100
590. Souvenir	101
591. No leque de	102
592. Prière	103
593. Envoi	104
594. Carnívoro	105
595. Ao Japão	106
596. Flirté	109
597. E elle a entrar...	110
598. N'outro postal	111
599. Á Augusta	112
600. Celestina	113
601. Madrigal	114
602. Madrigal	115
603. Madrigal	116
604. Jura	117
605. Madrigal	118
606. A Augusta	119
607. Queixa	120
608. Envoi	121
609. Contricção	122
610. Quatorze contra um!	123

611. Criticas	124
612. A Amílcar	125
613. La Pauvreté	127
614. Conde de Arnoso	129
615. O negro e o vermelho	131
616. A um poeta d'agua-doce	132
617. Impiedosa	133
618. Jura	134
619. Theoria e prática	135
620. Enigma	136
621. Proverbio	137
622. Addio	138
623. Contra Darwin	139
624. Pensamento	140
625. Nénia	141
626. A elle e ao Candido	142
627. Scena campesina	144
628. Philosophia	145
629. Confissão	146
630. Em tempos idos	147
631. Em cinco linhas	148
632. Estrophe	149
633. Oração da noite	150
634. A Negra	151
635. Larvada	152
636. Snobbs	153
637. Confrônto	154
638. Elles	155
639. Por hygiene – I	156
Por hygiene – II	157
640. A voz da natureza	158
641. A papoila	159
642. A um plagiario	160

643. A decadencia	162
644. A mim proprio	163
645. O instinto da vida	164
646. Et fugit sub umbras	165
647. Sonho desfeito	166
648. Fraude	169
649. Os miseraveis	170
650. Os ceus de Buffon	172
651. Entre árcades	173
652. Outro Hamlet	174
653. Recíprocas amabilidades	175
654. Homo natus de muliere...	176
655. Carta	177
656. A foda, a luxuria,	178
657. O acto e o verbo	179
658. Na matta	180
659. Num water-closet	181
660. Lei do sêllo	182
661. Por tabella	183
662. Idyllio moderno	184
663. A uma de longos cabellos	185
664. Entre a ama e a sua aia	186
665. Cryptinos	188
666. De Montaigne	189
667. O rei gallego	190
668. A accusação e a defesa	191
669. Cryptina	192
670. N'um hotel dubio	193
671. Cryptinas – I – Idilio aurora de seculo	194
Cryptinas – II – Ingenuidade	195
Cryptinas – III – Por gymnastica	196
Cryptinas – IV – Entre amigas	197
Cryptinas – V – A rainha e o bardo	198

672. Cryptina	199
673. Ora toma...	200
674. A azêmola	201
675. Madrigal	202
676. Coloquio	203
677. Aquella cousa	204
678. Epitaphio	205
679. O triste	206
680. O cão	209
681. Vaidoso	210
682. Adeus, pois, amigo Anthero:	211
683. Asinipes	212
684. Um aristarcho poeta	213
685. Ao mesmo	214
3. Semiprivados (ou divulgados fora da supervisão do autor)	
686. Tamagnini Encarnação	217
687. O Nobrega	219
688. Aquella pessoa benta	220
689. O Marques Coelho é homem,	221
690. O Moraes, um pulso forte,	222
691. «Ó Cerveira, és tão bonito!...»	224
692. O Junqueiro, o nosso poeta,	225
693. Tojeiro, que vens do tojo	226
694. Duvidas	227
695. Receita	229
696. O gigante	230
697. Caçada	231
698. Pregão	232
699. O Phantasma	233
700. Em Freixo de Espada à Cinta	234
701. Eloquencia	235
702. A letra dos teus assumptos	236
703. Lambaça	238

704. Moraes Carvalho, palavra,	241
705. Que bonitos pensamentos	242
706. Iam caminho de Cintra	243
707. Junqueiro, que vens de junco,	247
708. Afinaste a veia chata	249
709. Acertou-te a pedra, e de arte	251
710. Tinha ha muito um realejo,	253
711. Foi um incendio voraz	255
712. Que musica tão bella!	256
713. Epitaphio do Homem do Gaz	258
714. Quadras	260
715. As duas meninas pandegas	263
716. Esse Antão, segundo dizes,	264
717. Amores!	271

APARATO CRÍTICO

I – VERSOS

1. Éditos

1.2. Publicações esparsas



[Folhetim – I – Musa, a quem me prendi nos magicos enleios]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Liberdade* (ed. Eleziário Vaz Preto Casal), Coimbra: [s.n.]. Ano III, n.º 289 (30 novembro 1865), p. 1. < an. >

Neste periódico, publicado entre 1863 e 1866, acolheram-se os principais membros da loja maçónica Liberdade, bem como alguns dos opositores de Castilho, no contexto da Questão Coimbrã. Tinha formato grande (de 52 cm), dispondo, em pé de página, o usual “Folhetim”. Aqui foi publicada, sob anonimato, a *paródia* ao *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, que todavia ficou incompleta, devido à iminente cessação do periódico, em fevereiro de 1866. A este propósito, vd. o Arquivo documental do último fragmento deste poema.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, vol. I, Lisboa: Portugália Editora, 1965, pp. 430-433.
Trata-se de uma cópia d’ *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.
- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, vol. I, Lisboa: IN-CM, 1985, pp. 572-575.
Trata-se de uma cópia d’ *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] I]; Folhetim | 1

24. clarões.]; clarões

[Folhetim – II – Na frente acanhada, sem rugas, luzente,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Liberdade* (ed. Eleziário Vaz Preto Casal), Coimbra: [s.n.]. Ano III, n.º 291 (7 dezembro 1865), p. 1. < an. > Vd. descrição *supra*.

Este poema foi publicado sob anonimato.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, vol. I, Lisboa: Portugália Editora, 1965, pp. 446-447.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.
- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, vol. I, Lisboa: IN-CM, 1985, pp. 590-594.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] II]; Folhetim | 2

[Folhetim – III – Era uma noite de junho]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Liberdade* (ed. Eleziário Vaz Preto Casal), Coimbra: [s.n.]. Ano III, n.º 294 (17 dezembro 1865), pp. 1-2. < an. > Vd. descrição *supra*.

Este poema foi publicado sob anonimato.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, vol. I, Lisboa: Portugália Editora, 1965, pp. 471-477.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.
- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, vol. I, Lisboa: IN-CM, 1985, pp. 621-628.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] III]; Folhetim | 3

123. protesto...]; protesto;..

155. assonancia]; assonania

[Folhetim – IV – E dando fim á cantiga]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Liberdade* (ed. Eleziário Vaz Preto Cazal), Coimbra: [s.n.]. Ano III, n.º 295 (21 dezembro 1865), p. 1. < an. > Vd. descrição *supra*.

Este poema foi publicado sob anonimato.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, vol. I, Lisboa: Portugália Editora, 1965, pp. 477-480.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.
- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, vol. I, Lisboa: IN-CM, 1985, pp. 628-631.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] IV]; Folhetim | 4
30. grunhido);]; grunhido;)

[Folhetim – V – A mulher!... tremendo esphinge!]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Liberdade* (ed. Eleziário Vaz Preto Casal), Coimbra: [s.n.]. Ano III, n.º 299 (4 janeiro 1866), p. 1. < an. > Vd. descrição *supra*.

Este poema foi publicado sob anonimato.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (Questão Coimbra)*, vol. II, Lisboa: Portugália Editora, 1968, pp. 315-318.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.
- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (A Questão Coimbra)*, vol. II, Lisboa: IN-CM, 1985, pp. 369-372.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] V]; Folhetim | 5

[Folhetim – VI – Aquelles grandes passeios]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Liberdade* (ed. Eleziário Vaz Preto Casal), Coimbra: [s.n.]. Ano III, n.º 301 (11 janeiro 1866), p. 1. < an. > Vd. descrição *supra*.

Este poema foi publicado sob anonimato.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, vol. II, Lisboa: Portugália Editora, 1968, pp. 329-332.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.
- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, vol. II, Lisboa: IN-CM, 1985, pp. 386-389.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] VI]; Folhetim | 6

[Folhetim – VII – Mas depois quando o Chaga se viu só]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Liberdade* (ed. Eleziário Vaz Preto Casal), Coimbra: [s.n.]. Ano III, n.º 304 (21 janeiro 1866), p. 1. < an. > Vd. descrição *supra*.

Este poema foi publicado sob anonimato.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, vol. II, Lisboa: Portugália Editora, 1968, pp. 351-354.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.
- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, vol. II, Lisboa: IN-CM, 1985, pp. 414-416.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] VII]; Folhetim | 6

54. oppressa]; oppresssa

[Folhetim – VIII – Foi um viver semsabor]

Notícia dos testemunhos

1. Recensio

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Liberdade* (ed. Eleziário Vaz Preto Casal), Coimbra: [s.n.]. Ano III, n.º 307 (1 fevereiro 1866), p. 1. < an. > Vd. descrição *supra*.

Este poema foi publicado sob anonimato.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, vol. III, Lisboa: Portugália Editora, 1969, pp. 301-305.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.
- Alberto Ferreira; Maria José Marinho, *Bom senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, vol. III, Lisboa: IN-CM, 1987, pp. 295-299.
Trata-se de uma cópia d' *A Liberdade*, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] VIII]; Folhetim | 8

Aparato genético

78-129. *Esta passagem será retomada, com algumas variantes, nos vv. 34-83 do poema editado no n.º 43.*

[Folhetim – IX – Á porta da sua amada,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 154-157, 205, 206, 207. Vd. descrição no n.º 329.

Este poema aparece transcrito nas pp. 158-161, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). O fundo das pp. 154-157 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, na p. 154, a indicação “(5º)”. A seguir ao título, o autor acrescentou posteriormente a advertência “(Não Sáhe)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 143. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 235-236) – vd. *infra* Arquivo documental.

Anotação textual: emendas

Título. [Folhetim] IX]; Uma pagina antiga

25. Recobrou novos] A; Recobrou nos

13. triste] A; triste,

56. mulher] A; mulher,

Aparato genético

1. *Em A, o v. 1 é antecedido por estes versos, depois cancelados na margem esquerda, através da advertência “Isto, não”:*

.....

Era noite, a derradeira.

Nem o gallo petulante,

Nem o Perú orgulhoso,

Erguiam na capoeira

O cantar estriduloso.

Tudo em ródá é solidão,

Como envolto n’um mysterio,

E triste como a tristeza

D’um sorrir n’um labio sério.

2. troveiro, **A** troveiro **B**
4. fronteiro **A** fronteiro, **B**
6. *Em A, acresce, entre os vv. 6 e 7:*
Que votára ao trovador
Da amizade o affecto sancto,
7. E que lhe disse de longe, Γ E lhe disse, de improviso, \Uparrow **A** Que lhe disse, de improviso, **B**
9. «Amigo, bates de balde: Γ Amigo, bates em vão. \Uparrow **A** «Amigo, bates em vão: **B**
12. cara, **A** cara **B**
13. Ja se mudou. Sei que é triste **A** Já mudou. Sei que é triste, **B**
16. \square Γ Sonhos vêm, e sonhos vão. \Uparrow **A** Sonhos vêm, e sonhos vão, **B**
Em A, este verso aparece acrescentado no apêndice.
19. louraço **A** louraça: **B**
20. *Em A, segue-se um intervalo interestrófico.*
21. fatal, **A** fatal **B**
22. alanceado, **A** alanceado **B**
23. Soltou e cahiu, Γ Soltou um ai, e cahiu \Uparrow **A** Soltou um ai, e cahiu **B**
25. Recobrou novos **A** Recobrou nos **B**
34. estampada no rôsto **A** estampada na frente **B**
35. desgraça. **A** desgraça **B**
36. Tal fica o pé de saloia Γ Como as rugas que um mau fado; \Uparrow **A** Como as rugas que um mau fado **B**
37. Nos lameiros d'uma praça, Γ Em nossas fronteiras nos traça. \Uparrow **A** Em nossas fronteiras nos traça. **B**
38. turvos, **A** turvos **B**
39. chimerico, **A** chimerico **B**
40. aguda, **A** aguda **B**
41. Como doida com histérico. **A** Como doudo, como hysterico, **B**
44. Entre a turba da gentalha Γ Entre uns poucos aguadeiros, \Uparrow Γ Γ Entre lôrpas e aguadeiros, \Uparrow \Uparrow Γ Γ Entre servas e aguadeiros. \Uparrow \Uparrow \Uparrow **A** Entre servas e aguadeiros **B**
45. conversa junto á fonte; **A** conversas junto á fonte. **B**
51. Junto á nabiça que te viu nascer, Γ Junto ao repólho que te viu nascer. \Uparrow **A** Junto ao repólho que te viu nascer, **B**
52. historia, **A** historia: **B**
55. sol, saudoso ao partir, **A** sol saudoso ao partir **B**
56. mulher **A** mulher, **B**
58. entoava, **A** entoava **B**
59. tristonho; **A** tristonho: **B**
62. folhas cahiam Γ folhas sêccas cahiam \Uparrow **A** folhas sêccas cahiam **B**
63. chão; **A** chão! **B**
64. saudade, **A** saudade **B**

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos processos amplificadores (adição e supressão).

Arquivo documental

A versão publicada nas *Ultimas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 235-236):

Pagina antiga

E bem antiga: data dos principios da chamada guerra coimbrã. O que deu origem a essa guerra, tão benefica para as letras pátrias, foi um prólogo de Antonio Feliciano de Castilho, ao «Anjo do Lar» poema de Pinheiro Chagas.

Os iniciadores da lucta, quanto á questão theórica, foram Anthero de Quental e Theophilo Braga. Outros poetas, de que fazia parte o individuo que estas linhas escreve, resolveram, com o enthusiasmo da sua juvenil idade, pôr em pratica aquellas theorias, e para o levarem a effeito e n'uma ruidosa ceia preparatoria, accentaram em que se fizesse uma paródia áquelle poema, em que o heroe fosse o proprio Chagas, ahi chrismado, depois, em Chaga.

A parodia do prefacio foi feita por Guimarães Fonseca, fazendo eu a do primeiro capitulo. Tudo devia sahir, turno a turno, pelos diversos poetas conjurados, mas com[o] aquella primeira parte fosse lisongeiramente recebida por grêgos e troianos, resolveu-se que eu continuasse, e fizesse tudo até final, ao que, da melhor vontade, accedi.

Duas vezes por semana, e nos folhetins do jornal politico a Liberdade, de que era redactor e proprietario, um chamado Eleziario, sahia um largo trecho, acceito de modo que um editor de Lisboa me avisou de que concluida a parodia (que já ia em mais de meio, e em que eu não parodiava nada, adoptando sómente a fôrma dos versos, e o seu numero) se promptificava a edital-a.

Quem levava os originaes á redacção d'aquelle jornal era eu proprio, ao anoitecer. Uma vez, entrando na redacção, vi ahi reunidos, o que me causou surpresa, os redactores, quasi todos lentes da Universidade, dizendo-me logo o Eliziario que a Liberdade acabava, e não sahia mais numero algum; accrescentando, comtudo, que se promptificava a ir publicando a paródia em folhas volantes, ao que eu não accedi, – felizmente, porque iniciiei, pouco depois a publicação da Folha, que no dizer de José Sampaio (Bruno) foi a explosão da mina.

O original que eu levava, é exactamente o que sahe agora, pela primeira vez, sob o titulo: Pagina antiga.

Publico-a ad memoriam, para mim proprio, como a de tempos que não voltam mais. Talvez faça rir; a mim faz-me chorar... de saudades!

532

[S. L.]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Academia: Semanario de Litteratura* (ed. Francisco Machado), Coimbra: Imprensa da Universidade. N.º 2 (1866), p. 14. Vd. descrição no n.º 68.

533

[Mulher! eu vou partir a largos passos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Academia: Semanario de Litteratura* (ed. Francisco Machado), Coimbra: Imprensa da Universidade. N.º 8 (1867), p. 60. Vd. descrição no n.º 68.

534

[Quanto sou desgraçado! Na campina]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 7, p. 56. Vd. descrição no n.º 1.

Anotação textual: emendas

Título. Vinho e Fel | XIII]; □

535

[Nupcias]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso. Considera-se B a última versão revista pelo autor, por se tratar de um testemunho posterior:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 4, p. 32. Vd. descrição no n.º 1.

B – ADB, Ms. 537, f. 45r. Vd. descrição no n.º 66.

Aparato genético

Título. Facho nupcial A Nupcias B

10. Eras tão linda e pura, A Eras de tal beldade, B
11. d'alli piranga A d'ali, piranga, B
12. ao padre cura A ao nosso abbade B
14. Da explendida loucura. A Que junge a humanidade. B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada n' *A Folha*; a segunda encontra-se documentada no manuscrito do ADB. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

536

[Consagração]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso. Considera-se B a última versão revista pelo autor, por se tratar de um testemunho posterior:

A – *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. II-III (fevereiro – março 1878), p. 26. Vd. descrição no n.º 7.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 210-211. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

Aparato genético

Título. A um grande homem A Consagração B

Subtít. (Á vista dum retrato) A □ B

2. grave, solemne: A grave e solemne! B

4. profundo. A profundo! B

5. A falar é sem segundo, A Na tribuna é sem segundo: B

6. Que o ouvisse um dia o Taine: A Se o ouvisse um dia Taine! B

7. Climene, A Climene B

9. vel-o A vêl-o, B

11. cega. A cega! B

13. alguém: – «bravo A alguém: «Bravo, B

14. jumento. A jumento... B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada n’ *A Renascença*; a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

537

[A um poeta anonimo]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São dois os testemunhos considerados:

A – *Diario do Minho* (dir. A. Teixeira Pinto), Braga: [s.n.]. Ano VIII, n.º 2167 (16 de janeiro de 1927), p. 1.

Este jornal bracarense, fundado em 1919 por Joaquim António Pereira Villela, tinha então Teixeira Pinto como editor. Publicava-se em formato grande (de 49 cm), sofrendo alterações várias até à atualidade.

O testemunho em causa constitui uma cópia do poema, conforme publicado em 1879, num jornal de Silva Pereira (vd. *infra* Arquivo documental). Não sendo possível recolher o exemplar do jornal que esteve na base da cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

B – *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. VIII-X (agosto – outubro 1879), p. 125. Vd. descrição no n.º 7.

Aparato genético

1. subitaneo A subitaneo, B
2. que te deu A Que te dá B
3. e A E B
4. te fez brotar tanta asneira, A Te faz brotar tanta asneira: B
5. é um mal, ou falso entono, A Fora invento em desabono A
6. d’um A Dum B
7. se eu como tu A Se eu, como tu, B
8. dum A Dum B

Data. □ A Braga, 1879. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

Arquivo documental

O testemunho A (vd. *supra* Notícia dos testemunhos) consiste num artigo de João José, onde o autor transcreve o poema, a partir de um jornal de Silva Pereira (provavelmente o *Diario do Minho*, de 1879), aludindo ao respetivo contexto de publicação:

Respigos do Seculo Passado

Isto correu pelos anos mil oitocentos e setenta e tantos.

A sorte adversa que sempre me acompanhou e perseguiu, veio mais outra vez confirmar essa verdade.

Sorteado para coisas pingues nunca o fui, mas só para tudo aquilo que podia prejudicar o nosso modesto viver.

Lembraram-se um dia as autoridades competentes de nos fazer jurado criminal, e escusado será dizer que o nosso nome era sempre sorteado em todas as audiencias, não havendo ninguem que, por favor, me recusasse, a não ser um dia o proprio reo!

Na lista dos jurados, dos anos acima referidos, vinha tambem o nome do dr. João Penha.

Consolou-nos isso apenas, pois esperavamos, um dia, ouvi-lo nas suas apreciações sobre os quesitos do juiz. Um dia, porem, chegou ao nosso conhecimento, de que ele, João Penha, havia enviado ao juiz um atestado medico de falta de ouvir.

Contristou-me essa noticia, pois desconhecia os sofrimentos do grande poeta, no entanto peguei na pens e, como simples brincadeira, escrevi para o jornal “O Amigo do Povo”, de Cunha Viana, os ensossos e mal acabados versos:

A João Penha

*P'ra se livrar de jurado
mandou João Penha ha pouco,
para o Juiz da comarca
um atestado de mouco.*

*Que me dizes João Penha,
o poeta mavioso,
cantor do vinho e cerveja,
assim é defeituoso?!*

*Ó manes lá das arcadias
quebrai as lyras, quebrai,
ó prosadores, ó poetas
o João Penha chorai.*

*Ó presunto de Lamego,
primoroso no sabor,
chora sobre as tuas fev'ras
que 'tá mouco o teu cantor,
mouco mouco, é caso triste,
ó triste caso de horror!*

Dois ou tres dias depois publicava João Penha as seguintes duas quadras num jornal do ex-escrivão Silva Pereira:

A um poeta anonimo

*Aquelle mal subitaneo
que te deu tanta canseira,
e que do seixo do craneo
te fez brotar tanta asneira,*

*é um mal, ou falso entono,
d'um pobre intellecto magro,
se eu como tu fosse dono
dum par de orelhas de onagro.*

Quando acabei de ler aquela reprimenda ao meu louco atrevimento, levei as mãos ás orelhas que as encontrei como d'antes, nem muito pequenas nem muito grandes n'um termo medio.

[...]

João José.

538

[A um poeta que se sangrou]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso. Considera-se B a última versão revista pelo autor, por se tratar de um testemunho posterior:

A – *O Instituto: Jornal Científico e Litterario*, Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, vol. XXIX (julho de 1881 – junho de 1882), p. 46. Vd. descrição no n.º 57.

B – ADB, Ms. 537, f. 44v. Vd. descrição no n.º 66.

Aparato genético

Subtít. (Lope de Vega) | (No album do dr. Augusto Rocha) A (De Salvador de Medina) B

1. sangria, A sangria B
2. Que te deram, dizem A Que levaste, – dizem B
5. Engana-se, porém, quem A Mas, engana-se quem B
7. veia, A veia: B
8. Quando tens noutra a A É n'outra que tens a B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

Arquivo documental

O poema de João Penha constitui uma tradução do epigrama XXVII de Salvador Jacinto Polo de Medina, incluído em *El Buen Humor de las Musas* (Madrid: Imprenta del Reyno, 1637)

[*Obras Completas de Salvador Jacinto Polo de Medina* (ed. Angel Valbuena Prat), Murcia: Tip. Sucesores de Nogués, 1948, p. 365]:

A un poeta que se sangró

*Que ha sido vuestra sangría
acertada dicen cuantos
saben, Gil, que tenéis tantos
pujamientos de poesía.*

*Mas yo digo que es engaño;
y afirmo no ha sido buena
la sangría de esa vena,
si tenéis en otra el daño.*

Notícia dos testemunhos**1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso. Considera-se C a última versão revista pelo autor, por se tratar de um testemunho posterior:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 229. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – *Praça da Figueira: Numero Unico: A Favor da Crèche para os Filhos das Vendedeiras do Mercado*. Lisboa: [s.n.], 1895, p. 7.

Este número solidário imprimiu-se na tipografia Barata & Sanches, por ocasião do sétimo centenário de Santo António. Tinha 8 páginas em formato grande de 46 cm, a três colunas.

C – ADB, Ms. 537, f. 9r. Vd. descrição no n.º 66.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

Anotação textual: emendas

4. «quem me dera ser amendoa!»] AB; «quem dera ser amendo-a!»

Aparato genético

3. infantil da golodice, AB voraz da golodice C
4. «quem me dera A «Quem me dera B «quem dera C

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

540

[Tout passe]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso. Considera-se B a última versão revista pelo autor, por se tratar de um testemunho posterior:

A – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 12 (20 de julho de 1897), p. 180. Vd. descrição no n.º 74.

B – ADB, Ms. 536, p. 139. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “(?) Inedito”.

Aparato genético

Título. Confissão Dubia A Tout passe B

7. foi-se e A foi-se, e B

8. /«flirt» *itálico*/ A «flirt» B

9. Sinto-me outro, pervertido! A Tenho o gôsto pervertido! B

12. Um namôro ideal e A Um amor ingenuo e B

13. Faz-me lembrar o cozido A Faz-me o effeito do cozido B

Data. □ A 19-IX-97. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

Notícia dos testemunhos

1. Recensio

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, p. 135. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “(?)”.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 12 (20 de julho de 1897), p. 196. Vd. descrição no n.º 74.

Aparato genético

Subtít. (De uma senhora de Lisboa) **A** □ **B**

8. de outro **A** d'outro **B**

[O canto do cysne]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 130, 193. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 130, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 193). No canto superior esquerdo da p. 130, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Inedito”.

B – *Arte Livre: Revista Semanal de Arte e Litteratura* (dir. Azevedo Coutinho), Braga: Typographia Lusitana. Ano I, n.º 10 (5 de setembro de 1897), p. 73. Vd. descrição no n.º 212.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano VI, n.º 1722 (21 de setembro de 1897), p. 3.

Trata-se de uma cópia da *Arte Livre*, mas com ligeiras variantes de pontuação.

Aparato genético

Dedic. □ A (A Albano Bellino). B

4. morrer! Pobre A morrer: pobre B

7. desfeito, A desfeito B

11. d'espanto! A de espanto! B

12. lua, vôo ao Γlua, volvo aoΓ A lua, volvo ao B

14. orneio! A orneio!» B

Data. □ A 29-VIII-97. B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 536; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e na *Arte Livre*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

543

[A receita]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *O Gabinete dos Reporteres: Jornal Independente, Illustrado e Litterario* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. Ano IV, n.º 77 (outubro de 1898), p. 4. Vd. descrição no n.º 229.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano I (1899), p. 21.
Trata-se de uma cópia d' *O Gabinete dos Reporteres*.

Anotação textual: emendas

Subtit. □]; (INÉDITO)

[Conselho amigavel]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, p. 161. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Inédito”.

B – *A Ilustração Moderna* (dir. Oliveira Passos, Marques Abreu), Porto: [s.n.]. Série II, n.º 4 (1 de fevereiro de 1899), p. 12. Vd. descrição no n.º 135.

Aparato genético

- 3. Até, recostada á meza, A Até recostada á mesa B
- 9. abysmo! A abysmo: B
- 10. brasa; A brasa, B
- 12. aza A aza, B
- Data.* □ A 23-1-99 B

545

[Egoísmo disfarçado]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 172, 189. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 172, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 189).

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 3 (abril de 1900), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

Anotação textual: emendas

Subtít. □]; (INÉDITO)

Aparato genético

Título. Madrigal dubio. ΓEgoísmo disfarçadoΓ A Egoísmo disfarçado B

Subtít. □ A (INÉDITO) B

1. a bella Agláis: Γa ardente Agláis.Γ A a bella Agláis: B
4. És o homem das pachôrras!» ΓQue prudencias, que pachorras!Γ A Que prudencias, que pachôrras!» B
5. – É A – «É B
6. môrras!» A môrras.» B

Data. 9-III-900. A □ B

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 536; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e n’ *A Chronica*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

546

[Ouro é...]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 172, 189. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 172, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 189).

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 4 (abril de 1900), p. 4; n.º 9 (junho de 1900), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

O texto publicado no n.º 4 encontra-se afetado por gralha tipográfica, depois corrigida no n.º 9 do mesmo periódico.

Anotação textual: emendas

2. – «Tu prendes] A; – «Prendes

Aparato genético

Título. Aprêço Γ/Apreço ^{sublinhado}/Γ ΓΓOuro é...ΓΓ A Ouro é... B

Subtít. □ Γ/A uma que leu Os olhos de Laura ^{sublinhado}/Γ A (INÉDITO) Γ□Γ B

2. – «Tu prendes, eu lhe disse, A – «Prendes (eu lhe disse) B

4. – «Dize: e então quanto valho? – «Dez tostões. A – «Disse: e então quanto valho?» – «Dez tostões.» Γ– «Dize: e então quanto valho?» – «Dez tostões.»Γ

B

Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.

Data. 9-III-900 A 10-IV-900. B

547

[Petição de um ladrão a um rei, seu vizinho]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 169-170. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da p. 169, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Inedito”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 8 (maio de 1900), p. 3. Vd. descrição no n.º 130.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano III (1901), p. 87.
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.

Anotação textual: emendas

Subsubtít. □]; (INÉDITO)

Aparato genético

Título. Petição de um ladrão | a um rei seu vizinho (*) A Petição de um ladrão a um rei, seu vizinho* B

Subsubtít. □ A (INÉDITO) B

2. galés. A galés: B

3. rei; A rei, B

4. pés. A pés, B

9. policia! – Excelente! A policia! Excelente! B

10. recompensa, A recompensa; B

14. malicia: A malicia; B

15. Senhor! A Senhor, B

18. cento! A cento. B

26. Vou <Eu> exprimir; um A Vou exprimir; – um B

27. prevejo A prevejo, B

30. alvar, A alvar; B

Arquivo documental

O poema de João Penha traduz a “Pétition d’un voleur à un roi voisin”, que o criminoso francês Pierre-François Lacenaire (*1803 †1836) viu publicada no jornal republicano *La Glaneuse* (a 29 de setembro de 1833), sob o nome de M. Altaroche.

[Pierre-François Lacenaire, *Mémoires et autres écrits* (ed. J. Simonelli), Paris: Éditions José Corti, 1991. (col. Domaine romantique)]:

Pétition d’un voleur à un roi voisin

*Sire, de grâce, écoutez-moi:
Sire, je reviens des galères...
Je suis voleur, vous êtes roi,
Agissons ensemble en bons frères.
Les gens de bien me font horreur,
J’ai le cœur dur et l’âme vile,
Je suis sans pitié, sans honneur:
Ah! faites-moi sergent de ville.*

*Bon! je me vois déjà sergent:
Mais, sire, c’est bien peu, je pense.
L’appétit me vient en mangeant:
Allons, sire, un peu d’indulgence.
Je suis hargneux comme un roquet,
D’un vieux singe j’ai la malice;
En France, je vaudrais Gisquet:
Faites-moi préfet de police.*

*Grands dieux! que je suis bon préfet!
Toute prison est trop petite.
Ce métier pourtant n’est pas fait,
Je le sens bien, pour mon mérite.
Je sais dévorer un budget,
Je sais embrouiller un registre;
Je signerai : “Votre sujet”,
Ah! sire, faites-moi ministre.*

*Sire, que Votre Majesté
Ne se mette pas en colère!
Je compte sur votre bonté;
Car ma demande est téméraire.
Je suis hypocrite et vilain,
Ma douceur n’est qu’une grimace;
J’ai fait... se pendre mon cousin:
Sire, cédez-moi votre place.*

548

[O que há de ser o seculo futuro?]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal para 1901* (ed. José Antonio Sanches), Lisboa: Companhia Nacional Editora. Ano II, 1900, p. 14. Vd. descrição no n.º 229.

Editado pela revista *Brasil-Portugal*, este almanaque publicou-se em formato pequeno (de 23 cm), com a colaboração de vários nomes significativos das letras portuguesas e brasileiras.

Nas pp. 5-6, os editores fazem a seguinte apresentação do volume:

A redacção do Brasil-Portugal, querendo sair da banalidade chocha dos almanachs e kalendarios d'este mundo e do outro, que teem por velho habito publicar juizos do anno... quasi sempre sem juizo, resolveu-se a incommodar os mais gloriosos, illustres e aprimorados escriptores, e não escriptores, de Portugal e do Brasil e pedir-lhes um pensamento, em prosa ou em verso, a respeito do anno novo e do seculo que começa. Custou-nos isto que ahi vae os olhos da cara e as solas das botas! Todos esses cavalheiros moram longe e não escrevem á primeira... D'ahi, carissimos leitores, olhae o que soffremos por vosso bem e por divertimento e passa-tempo da vossa querida familia. Olhae... e recompensae-nos! Aos escriptores e não escriptores mais uma vez os nossos agradecimentos, apesar de já lhes termos pago, o que não é vulgar... Aos leitores, bons annos, pelo seculo fóra, e bons mezes pelo anno dentro, com... saude, gordura e pintos que pareçam gallinhas!
Salve!

549

[Garrett]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 540, p. 72. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece registado na primeira metade da página, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “Inédito”.

B – ADB, Ms. 540, p. 72. Vd. descrição no n.º 128.

Esta redação aparece registada na segunda metade da página. A seguir ao título, João Penha acrescentou o subtítulo “(variante)”.

C – *A Ilustração Moderna: Revista de Litteratura e Arte* (dir. Oliveira Passos, Marques Abreu), Porto: [s.n.]. Ano III, n.º 4-5 (maio de 1902), p. 8. Vd. descrição no n.º 135.

O exemplar em causa corresponde a um número de homenagem a Garrett.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett* (dir. Alberto Bessa), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 2 (junho de 1903), p. 16.
Trata-se de uma cópia d’ *A Ilustração Moderna*.

Anotação textual: emendas

4. deslumbrantes!] B; deslumbranres!

Aparato genético

Subtít. □ A (variante) B □ C

1. Seu corpo, sim, morreu; A Seu corpo, sim, morreu, B O corpo, sim, morreu: C
2. Su’alma vive em regiões distantes. A Su’alma vò a regiões distantes, B Tu’alma vò a regiões distantes, C
4. Entre os divinos astros deslumbrantes. A Para nós, entre os astros deslumbrantes! B Para nós, entre os astros deslumbrantes! C

Em C, a variante resulta de gralha tipográfica.

Data. □ AB Maio, 1902. C

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, no testemunho B e n' *A Ilustração Moderna*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso. Considera-se B a última versão revista pelo autor, por se tratar de um testemunho posterior:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 84 (fevereiro de 1903), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

O exemplar em causa sucede a um número de homenagem ao Dr. Pereira Caldas (o n.º 83, de Jan. de 1903), celebrando o 84.º aniversário deste professor decano do liceu de Braga. Em nota ao poema, assinado pel’*O seu antigo discípulo João Penha*, esclarece a Redação:

Não poderam sahir no numero anterior d’esta revista, principalmente dedicado ao illustre dr. Pereira Caldas, decano dos escriptores portuguezes, estas duas estrophes do nosso collaborador effectivo dr. João Penha. A um e outro pedimos desculpa d’esta falta, devida a circumstancias independentes da nossa vontade.

B – ADB, Ms. 541, p. 34. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Inedito”.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *O Visellense: Quinzenario de Estudos Sociaes* (dir. Braulio Caldas; ed. José M. P. Guimarães), Visela: [s.n.]. N.º 3 (19 de setembro de 1904), p. 2.
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*, mas com variantes de pontuação. O exemplar em causa corresponde a um número de homenagem ao Dr. Pereira Caldas, no aniversário da sua morte.
- *O Despertar: Quinzenario dos Normalistas de Braga* (dir. Caetano d’Oliveira), Braga: [s.n.]. N.º 3 (1 de dezembro de 1912), p. 2.
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*, mas com variantes de pontuação.

Aparato genético

Subtít. INSTANTANEO A □ B

Subsubtít. (INÉDITO) A □ B

6. lêr, A lêr. B

8. Antes A «Antes B

551

[Em prosa]

Notícia dos testemunhos

1. Recensio

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, p. 51. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – *Homenagem aos Heróis do 1.º de Dezembro de 1640, Egregios Restauradores de Portugal e Insignes Reconquistadores da Liberdade, Dedicada a Academia do Lyceu de Braga*, Braga: Academia do Lyceu de Braga, 1904, p. 9.

Este número único publicou-se anualmente, entre 1882 e 1935, para ser vendido durante as comemorações estudantis da restauração da independência nacional. Além da comunidade estudantil do liceu de Braga, envolvia também colaboração dos literatos bracarense da altura.

O exemplar em causa tem formato médio (de 40 cm), com 10 páginas e texto a duas colunas. O rosto, com cercadura alinhada à esquerda, inclui duas citações d’ *Os Lusíadas*.

Aparato genético

Subtít. (Para o numero unico | dos estudantes). A □ B

2. anémicos: A anémicos; B

3. obscuro A obscuro, B

Data. □ A 27-XI-04. B

552

[Amor divino]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 9, 88. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 9, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 88). O canto inferior direito da p. 9 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se a seguinte indicação do autor: “Não sahiu nos Echos”. O canto superior esquerdo da página apresenta a indicação apógrafa: “Inedito”.

B – *Almanach de Santo Antonio para o Anno de 1908*, Braga: Typ. de Augusto Costa & Mattos, 1907, p. 273. Vd. descrição no n.º 275.

Aparato genético

Subtít. □ A (Seculo XVII) B

4. por ellas de Γpor isso de 1 A por isso de B
9. enlace A enlace, B
13. ti A ti, B
14. quizera. A quizera! B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no *Almanach de Santo Antonio*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

Arquivo documental

O poema de João Penha traduz um conhecido soneto anónimo, datável entre a segunda metade do século XVI e o início do séc. XVII. A mais antiga versão impressa é de Antonio de Rojas, que o publicou na sua *Vida del Espíritu para Saber Tener Oración y Unión con Dios* (1628).

[Don Justo de Sancha, *Romancero y Cancionero Sagrados: Coleccion de Poesias Cristianas, Morales y Divinas, Sacadas de las Obras de los Mejores Ingenios Españoles*. Madrid: M. Rivadeneyra Editor, 1855, p. 43. (Bonaventura Carles Aribau, *Biblioteca de Autores Españoles*, vol. 35)]:

*No me mueve, mi Dios, para quererte
El cielo que me tienes prometido,
Ni me mueve el infierno tan temido
Para dejar por eso de ofenderte.*

*Tú me mueves, Señor; muéveme el verte
Clavado en una cruz y escarnecido;
Muéveme ver tu cuerpo tan herido;
Muéveme tus afrentas y tu muerte;*

*Muéveme, al fin, tu amor, y en tal manera,
Que, aunque no hubiera cielo, yo te amara,
Y aunque no hubiera infierno, te temiera.*

*No me tienes que dar porque te quiera;
Pues aunque lo que espero no esperara,
Lo mismo que te quiero te quisiera.*

553

[Lambaça]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 15-16. Vd. descrição no n.º 253.

O canto superior esquerdo da p. 15 apresenta a indicação apógrafa “Não sahiu”, podendo ainda ler-se, no final do poema, o seguinte esclarecimento do autor: “A proposito d’uma referencia, no n.º 272, da *Época*”.

B – *A Época* (dir. Zeferino Cândido), Lisboa: [s.n.]. Ano VI, n.º 277 (8 de janeiro de 1908), p. 1.

Este diário foi fundado por um antigo companheiro de João Penha em Coimbra, o doutor António Zeferino Cândido da Piedade (*1848 †1912), imprimindo-se em formato grande, entre maio de 1902 e junho de 1909.

O poema vem assinado por “J. P.”.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *Jornal de Braga: Orgão do Partido Regenerador de Braga*, Braga: [s.n.]. Ano VIII, n.º 467 (12 de janeiro de 1908), p. 3.
Trata-se de uma cópia d’ *A Época*.

Aparato genético

1. carta, A carta B
6. conhecel-a A conhecel a, B
10. regre A regre, B
12. tu A tu, B
13. Molière, A Molière; B
14. tambem! A tambem; B
16. linha, que lá vem. A linha que lá vem... B
22. fallas; A fallas: B
26. contenda: A contenda. B

Arquivo documental

O poema de João Penha surge na sequência de uma polémica mantida nas páginas d’ *A Época*, entre dois antigos companheiros de João Penha em Coimbra: o

diretor deste jornal republicado, Zeferino Cândido da Piedade, e o magistrado José Joaquim Pinto Lambaça.

No n.º 252 (6 de novembro) desse jornal, Zeferino Cândido publicava uma nota, reprovando a escandalosa sentença de Pinto Lambaça, num processo movido contra o juiz Mattos Abreu (e que o jornal *Novidades* publicitara), ao mesmo tempo que lhe ridicularizava a alcunha de Coimbra:

Engraçadíssimo, o primeiro caso do dia das Novidades! Est de se lui ôter le chapeau! O dialogo do casuista com mr. Lapin desopila, e a sentença do juiz da Regoa é o que se chama uma Rosalinada.

Uma coisa ha, porém, em que as Novidades não foram justas; quando apresentam o meritissimo da Regoa como baldo do naipe intelectual.

Conhecemos muito bem José Joaquim Pinto; um dos melhores typos academicos do nosso tempo. Era o nosso Pinto Lambaça, e não Lambaças, como diz o documento ou as Novidades escrevem por engano.

O s sobeja; e tanto sobeja que, com o s, ficaria errada a onomatopaica quadra de João Penha:

Em pé, defronte do Brito,
Dá lição Pinto Lambaça!
Parece a voz do Infinito,
A sair d'uma cabaça!

Já vê o colega que tem de ser Lambaça e não Lambaças, quando mais não fosse para salvar a quadra do João. Aquelle mesmo argumento d'outro João, d'outro poeta... (Não confundir com o sr. ditador, que as Novidades davam tambem hontem como poeta, autor d'um aliáz magnifico soneto... Esse será poeta, se as Novidades o querem, mas não é João, mas Xuão...)

O outro João, poeta, era João de Deus, que, apertado na prova da existencia de Deus, findava por esta:

– Existe! Bem vês que não podia deixar de existir; aliáz não podia eu ser João de Deus.

É Lambaça e não Lambaças; aliáz não teria João Penha feito a quadra, na rima de cabaça.

*

Ora o que nós queremos dizer ás Novidades, em abono da verdade, da justiça, e de Pinto, nosso contemporaneo, amigo, e, com magua, não correligionario, é que Pinto Lambaça, como era conhecido e tratado, foi um grande cabula, estroina, mas um rapaz encantador pelas suas qualidades de character e um belo espirito, fartamente dotado intellectualmente.

A alcunha veiu lhe da sua corpulencia, força, e modos abertos, despejados, com que tratava tudo e todos. No aperto de mão, (e tinha cada uma que parecia brôas da Beira!) era, sem se sentir, abrutado. Fazia doer como burro! Na briga de rapazes, elle cahia como um boi em cima da gente e esborrachava!

Por isso é que lhe puzemos o nome de Lambaça. Se, como diz o colega, elle requereu para juntar a alcunha academica ao seu nome, é que quiz consagrar a mais agradável recordação que a gente conserva na velhice. Não tinha que córar, nem é excentricidade, porque Lambaça não o deslustra.

Se estes dois dedos de amena cavaqueira lhe chegarem a elle, ao Pinto Lambaça de ha perto de 40 annos, hoje meritissimo da Regoa e nosso figadal adversario politico, que elle veja n'elles, não uma defeza, que nem a precisa, nem as Novidades a provocam, mas uma agradável recordação de tempo mais ditozos, que jamais se apagam da alma.

*

A sentença é uma Rosalinada, onde, em velho, reaparece Pinto Lambaça como o conhecemos em rapaz. Uma troça pegada, desde o principio a fim! Com espirito e arte, confesse o colega.

Já era aquillo em moço. Assim talhava as suas lições. Os lentes, afinal, tomavam aquillo a serio, e elle lá ia levando o seu curso com uma perna ás costas, não abrindo livro e nunca sendo mandado sentar. Tinha recursos, – como se dizia na giria.

Aquella quadra do João Penha é a confirmação. O Brito era um filozofista entre sabio e magico, que se apaixonára, quasi até a loucura, pela mutualidade de serviços, em que elle bazeava a sua Filozofia de Direito, em reforma do Neminem lede, que servira de lemma ao Direito Natural de Vincente Ferrer.

Já se vê que dar lição ao Brito não era para ahi aturar a epilepsia do nosso ditador... Aquillo era coisa seria, e de se lui ôter le chapeau. E, entretanto, Pinto Lambaça falava de papo, entuziasmando João Penha, que se lhe afigura ouvir – a voz do Infinito a sair d'uma cabaça.

A sentença, para nós que conhecemos o autor e mariscamos no assunto por elle abordado, retrata-nos fielmente o homem que conhecemos ha quarent'annos.

E enche-nos a alma de alegria a prova que o documento nos traz de que Pinto Lambaça é, em velho, o mesmo rapagão de Coimbra. Não se deixou envelhecer pela idade. Bem haja elle!

A réplica de Lambaça foi publicada no n.º 272 d' *A Época* (a 31 de dezembro de 1907), e aí o juiz da Régua fazia a defesa pública da sua sentença, discorrendo largamente em prol da monarquia e do franquismo, para depois terminar com algumas considerações acerca do apelido immortalizado por João Penha:

A carta de Pinto Lambaça

[...]

Tambem não acertaste com a origem da minha alcunha de Lambaça, que é hoje apelido. Ella ahi vai para acabar com essa infantil discussão. Como fosse formigão, no meu primeiro anno de preparatorios, formaram-se no seminario dois bandos que hoje se chamariam blocos, em hostilidade um contra o outro. Era eu o capitão d'um delles pela minha força muscular, e do outro e pelos mesmos titulos o trocista Barbedo, que decerto conheceste, como foi conhecido de toda aquella geração que era trocista, sim, mas que tinha o criterio de não ser juguete de politicos sem escrupulos. E como elle fosse

meu patricio e meu †, disse aos † chamassem Lambado, aludindo a um namoro que eu tinha com uma rapariga de uma familia que tinha essa alcunha.

Foi o vocabulo corrompido, e em vez de Lambado fiquei Lambaça, e foi uma fortuna, para não haver confusão de familias e mais ainda para o João Penha poder rimar cabaça com Lambaça, que se assim não fosse não sei como se arranjaría. E é preciso que se saiba, e sabel-o tu que o meu amigo João Penha não teve, com essa chistoza quadra, espirito de me deprimir; que era eu um dos seus mais diletos companheiros nas Camelas, um seu guarda costas, que d'uma vez, encontrando-o á meia noite empenhado em casa do seu Manel dos arcos por um cangirão de vinho que tinha bebido e não pagado, livre-o das garras do mesmo, pagando-lhe o cangirão com dois sopapos que o deixaram deitado debaixo de um tonel. O João Penha era muito mais apreciado como poeta... em tudo o mais do que o G. Junqueiro, a quem eu e o Marçal, que eramos todos companheiros, muito troçámos pelas suas produções ou ensaios poeticos que não prometiam que elle como poeta se guindasse a taes alturas.

Tambem o motivo que tive para juntar essa alcunha ao meu nome não foi o que supões. Nunca tive requebros de ternura senão por mulheres. Juntei-o por mera condescendencia com o sr. conselheiro Albano de Mello, que assim o quiz, por motivos de ocazião; e os desejos de s. ex.^a são para mim um preceito. E não fiz mal, porque quem queria ofender me tem de procurar outro epiteto. [...]

Regoa, 25 de dezembro de 1907.

José Joaquim Pinto, ou simplesmente Lambaça.

É pois na sequência desta carta que surgirá o poema de João Penha, assim anunciado no n.º 276 do mesmo jornal (a 7 de janeiro de 1908):

Lambaça

A carta do juiz da Regoa vai dando a volta ao mundo, com fama e proveito.

Calcule o leitor que temos aqui, para lhe oferecer, uns versos de João Penha, com que retoca a referencia do cangirão que lhe fez Lambaça.

Rôa se de curiosidade vinte e quatro horas, que amanhã verá os deliciosos versos do mestre.

I – VERSOS

2. Inéditos e privados



554

[Des sages conseils à Mr. J. Machado]

Notícia dos testemunhos**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – BPMP, M-AF-1133.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por um cartão (com 9 x 14,1 cm), escrito de um só lado, a tinta preta. Está datado de 29 de maio de 1891 e devidamente assinado por João Penha.

Anotação textual: emendas

Título. conseils a]; conseils à

555

[Brinde particular]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – BPMP, M-AF-1148.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por uma folha de papel pautado (com 11,3 x 17,9 cm), escrito de um só lado, a tinta preta. Está datado de 28 de novembro de 1898 e devidamente assinado por João Penha.

556

[Estrophe]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 209. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

557

[Santo Antonio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 227-228. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. No final da p. 228, o autor acrescentou a seguinte advertência: “(Para o Seminario de S.to Antonio: não publicavel)”.

Anotação textual: emendas

Subtít. □]; (Inedito)

Notícia dos testemunhos**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, p. 140. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página, figura a seguinte nota apógrafa:
“(?)”.

Anotação textual: emendas

1. sós. – «Diz:]; sós. – «– Diz:

559

[Ao toucador]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1146.

O mais antigo testemunho autógrafo para este poema pertence ao espólio de Antero de Figueiredo e é constituído por uma folha de papel pautado (medindo 11,3 x 17,9 cm), escrita de um só lado, a tinta preta.

B – ADB, Ms. 536, p. 141. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página, figura a seguinte nota apógrafa: “(?)”.

Aparato genético

Dedic. (A Anthero de Figueiredo) A □ B

3. comprido; A comprido, B

Data. 1-II-97. A □ B

560

[Entre amigos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, p. 144. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página, figura a seguinte nota apógrafa: “Inédito”.

Anotação textual: emendas

3. antigo:]; antigo;
7. porquê?» – «Sempre]; porquê? – «Sempre

561

[Para namôro]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1150.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por uma folha de papel pautado (com 11,2 x 18 cm), escrita de um só lado a tinta preta. Está datado e assinado por “J. P.”

B – ADB, Ms. 536, p. 153. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece registado na metade inferior da página.

Anotação textual: emendas

1. fito,] A; fito

Aparato genético

1. fito, A fito B
 2. Esses dous astros leaes, A Esses astros tão leaes, B
 4. escondidas A escondidas, B
- Data.* 12-II-98. A □ B

562

[Grave]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, p. 155. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece registado na metade inferior da página.

563

[Lausperenne]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BNP, E32/2730.

O mais antigo testemunho autógrafo para este poema pertence ao espólio de Bernardo Pinheiro Correia de Melo, o primeiro Conde de Arnoso. Trata-se de uma carta, datada de 18 de junho de 1900, onde João Penha, em tom jocoso, alude à sua participação na exposição internacional de Paris. O testemunho autógrafo é composto por um bifólio de papel pautado (com 22,2 x 17,9 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, figurando a quadra no f. 1r. Vd. *infra* Arquivo documental.

B – ADB, Ms. 536, p. 181. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece registado na metade inferior da página, seguindo-se uma nota explicativa do autor. Na margem esquerda, pode ler-se a seguinte nota apógrafo: “Inédito”.

Aparato genético

Título. □ A Lausperenne B

2. «Que A Que B

3. «Na A Na B

Arquivo documental

Em correspondência enviada ao Conde de Arnoso, Bernardo Pinheiro Correia de Melo (*1855 †1911), João Penha compõe esta quadra para, em tom jocoso, aludir à sua participação na mostra internacional de Paris. O poeta mostra-se entusiasmado com a possibilidade de ir à capital francesa, aludindo a um caso jurídico, cuja viabilidade poderia financiar a viagem. A carta, guardada na BNP com a cota E32/2730, é constituída por um bifólio de papel pautado (com 22,2 x 17,9 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu querido Bernardo

Estou entusiasmado! O Cassiano já entregou os auctos. Foi a vapor. Agora já vislumbro ao longe a esperança de me ir ver em lausperenne na exposição de Paris.

Porque eu, eis o que tu ignoras, também sou expositor – a pedido!

O lausperenne foi-me revelado por um homem d'aqui, que lá foi:

– «Homem de Braga, que diz?
 «Que foi que lhe deu mais gôsto
 «Na exposição de Paris?»
 – «Foi ver o senhor expôsto!»

E se eu fôr, que enorme gloria para ti!

Mas vamos aos autos. Passaram agora ao Luis Carlos Garcia de Miranda, que mora actualmente na R. do Paço dos Negros, 73, 2.º.

Diz o procurador que elle não costuma demorar os processos, – mas ainda assim não te esqueças de lhe fazer a respectiva recommendação. Não: agora não quero ver a exposição por um canudo!

Quero fazer as minhas compras:

– «Achete-moi, petit-blondin!»

Em Paris, de noite, todos os homens são loiros, – mesmo os carecas.

Abraça-te

o T.

18-VI-900.

J. Penha.

Na verdade, João Penha havia sido convidado a participar, com os seus livros, na Exposição Universal de 1900, em Paris.

Isso mesmo documenta uma carta pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo. O testemunho encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1157(16), e consiste num bifólio de papel pautado (com 22,7 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta. No canto superior direito do f. 1r, Antero anotou, a lápis, a data “1899”:

Meu caro Anthero.

A convite do Gallo (Le Cocq) – resolvi ir á exposição de Paris, não em corpo, – mas em espirito, isto é, com os meus productos litterarios. É para fazer monte.

Vão: as Rimas, com a cartonagem da epoca, – a Viagem por terra, com a demi-reliure do David, e o por montes, com uma encadernação decente, feita pelo mesmo David. Poderá o meu amigo encarregar-se de fazer a encomenda? No caso affirmativo, enviar-lhe-ei o volume. Deve attender-se a que não é a casca o que se expõe, mas o miôlo.

Responda-me breve, e conte-me de si o que julgar importante.

A respeito do Bom Jesus só lhe digo isto: tambem lá estive dous meses, isto é, ate ao fim de outubro!

Abraça-o

Se.

J. Penha Fortuna

Mais tarde, Penha alude ainda à exposição, em carta datada de 21 de fevereiro de 1900. O documento, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1162(3), e consiste num bifólio de papel pautado (com 22,3 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu caro Anthero.

Já ha dias recebi o livro, que estava no David a encadernar. Seguiu no mesmo dia, de torna viagem, com os outros, para a exposição. Os expositores, segundo leio agora n'um jornal, são 100 mil. Serei um d'elles, – e ficaremos por ahi.

Mandei os livros ao meu encadernador d'aqui, para lhe pôr uns resguardos de papelão. Ao vel-os torseu o nariz e disse: «por seis tostões faço muito melhor do que isto!»

A proposito de tostões: o David ainda me não mandou a conta. Quando por lá passar, diga-lhe que se avie: o homem é exquisito.

Se vir o Jayme Victor diga-lhe que não se esqueça de mandar um n.º do Brasil-Portugal á pessoa que lhe indiquei.

Agora uma pergunta: ha ahi algum advogado chamado João Penha?

S.

21-2.º-900.

J. Penha

564

[O Infante D. Henrique]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 194. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – ADB, Ms. 537, f. 5v. Vd. descrição no n.º 66.

O poema aparece registado na metade superior da página.

Aparato genético

2. de um A d’um B

3. Camões, A Camões B

Data. 3-2-94. A □ B

Arquivo documental

Possivelmente, esta quadra terá sido publicada numa das homenagens com que vários periódicos assinalaram o quicentenário do nascimento do Infante D. Henrique. A propósito desta efeméride, vd. tb. texto editado no n.º 755.

565

[Madrigal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 198. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – ADB, Ms. 537, f. 9r. Vd. descrição no n.º 66.

O poema aparece registado na metade superior da página.

Aparato genético

Data. 9º-92. A □ B

566

[Epithaphio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 537, f. 45v. Vd. descrição no n.º 66.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

Anotação textual: emendas

1. profundo,]; profundo
2. brilhas,]; brilhas;

567

[A fada]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 537, f. 46r-46v. Vd. descrição no n.º 66.

Arquivo documental

João Penha traduz o seguinte carme, do poeta francês Pierre-François Lacenaire (*1803 †1836).

[Pierre-François Lacenaire, *Mémoires, Révélations et Poésies de Lacenaire Écrits par lui-même, a la Conciergerie*, Paris: Marchands de Nouveautés, 1836, vol. II, pp. 124-125.]*La sylphide*

Être divin, beauté touchante et pure,
 Que je rêvais dès mes plus jeunes ans,
 Qui que tu sois, esprit ou créature,
 Prête l'oreille à mes derniers accens!
 Sur les rescifs d'une mer agitée,
 Tu m'as guidé, phare mystérieux:
 Je vois le port, et mon âme enchantée
 Ira bientôt te retrouver aux cieux.

Je te cherchais sous les brillans portiques
 Où vont ramper les Séides des rois;
 Je te cherchais sous les chaumes rustiques;
 Ton ombre seule apparut à ma voix.
 Peut-être, hélas! mon œil trop faible encore
 Soutiendrait mal ton éclat radieux;
 Veille sur moi, sylphide que j'adore,
 Vierge immortelle, attends-moi dans les cieux.

Je te rêvais dans la grotte sauvage,
 Au souffle aigu des autans furieux;
 Je te rêvais sous un épais feuillage,
 Aux doux accords d'un luth mélodieux.
 Si tu n'étais qu'une vaine chimère,
 D'un cœur malade, enfant capricieux!
 Mon âme enfin va percer ce mystère,
 Vierge immortelle, attends-moi dans les cieux.

*Je te rêvais au printemps de ma vie,
Le front paré de riantes couleurs;
Pauvre et souffrant dans ma longue insomnie,
Je te rêvais plus belle dans les pleurs.
Mais de la mort j'entends la voix sévère,
Elle a brisé le prisme gracieux.....
Je n'ai plus rien qui m'attache à la terre,
Vierge immortelle, attends-moi dans les cieux.*

568

[O adeus]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 540, p. 55. Vd. descrição no n.º 128.

No final do poema, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, indicação apógrafa “Inédito”.

569

[Comedia acta est]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 540, p. 65. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a indicação apógrafa “?”.

Anotação textual: emendas

Título. est]; est..

570

[Orlando furioso]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 540, pp. 77, 94. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece transcrito na p. 77, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 94). No fundo da p. 77, João Penha acrescenta a advertência “Não sahiu nas Novas Rimas”, remetendo ainda para o apêndice, através da nota “(V. E.)”. No canto superior esquerdo, pode ler-se a indicação apógrafa “Inédito”.

Anotação textual: emendas

8. fundiste,]; fundiste.

Aparato genético

8. Bordalenga animaria, ôcca de chiste, ΓOnde os dinheiros de teus paes fundiste.7 A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

571

[Cahida do pedestal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 38. Vd. descrição no n.º 131.

No fundo da página, João Penha acrescentou posteriormente as indicações “(Particular)” e “Sem effeito”. No canto superior esquerdo, pode ler-se a indicação apógrafa “Inédito (?)”.

Anotação textual: emendas

11. farda:]; farda,:

Aparato genético

11. farda <, > /: \ A

572

[Trovvas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 65. Vd. descrição no n.º 131.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Inédito”.

573

[Madrigal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 71. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece registado na metade inferior da página. Na margem esquerda, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Inedito”.

[Duplo madrigal – O bardo]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 77. Vd. descrição no n.º 131.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”. No canto superior esquerdo, pode ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Ineditos”.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos, «Homenagem a João Penha (No centenário da sua obra Viagem por Terra ao País dos Sonhos) 1898/1998» in *Forum*, Braga: Biblioteca Pública de Braga, n.º 23, 1998, p. 88.
A autora do artigo reproduz este inédito, a partir do manuscrito do ADB.

[Duplo madrigal – O crítico]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 77. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece registado na metade inferior da página, tendo o autor acrescentado, no final, a advertência “(Particular)”. No canto superior esquerdo, pode ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Ineditos”.

575

[Versos a Zulmira]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, pp. 78-79, 107. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece transcrito nas pp. 78-79, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 107). No fundo da p. 78, João Penha acrescenta a advertência “(Particular)”, remetendo ainda para o apêndice, através da nota “(V. E)”. No canto superior esquerdo, pode ainda ler-se a indicação apógrafa “Inédito”.

Aparato genético

3. procura d'amores [→ de flores] Γprocura de floresΓ A
Na p. 78, a campanha de revisão aparece acrescentada por mão diferente, reproduzindo a correção introduzida pelo autor, na lista de “Emendas”.
10. luar <:>/;\ A

576

[Encyclica]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 91. Vd. descrição no n.º 131.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a indicação apógrafa “Inedito”.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos, «Homenagem a João Penha (No centenário da sua obra Viagem por Terra ao País dos Sonhos) 1898/1998» in *Forum*, Braga: Biblioteca Pública de Braga, n.º 23, 1998, p. 77.

A autora do artigo reproduz este inédito, a partir do manuscrito do ADB, mas incorre em erros de transcrição, nos versos finais.

577

[Os dous lirios]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, pp. 92-93. Vd. descrição no n.º 131.

No fundo da p. 92, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a indicação apógrafa “Inedito”.

578

[Zi a Zú]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 95. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece registado na metade superior da página. No canto superior esquerdo, pode ler-se a indicação apógrafa “Inedito”.

579

[Num postal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 95. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece registado na metade inferior da página, podendo ler-se no final a seguinte advertência: “(Particulares)”. Na margem esquerda, encontra-se ainda a seguinte indicação apógrafa “Inedito”.

Anotação textual: emendas

Título. Num postal]; Num postal – Pio decimo

Subtít. Pio decimo]; □

Aparato genético

Título. Num postal – Pio decimo A

580

[Linda, honesta e vaidosa]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 100. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece registado na metade superior da página.

581

[Boas festas a D. Nathalia de Mello]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 100. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

582

[Envoi de boas festas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, pp. 102-103. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo da p. 102, pode ler-se a indicação apógrafa “Inédito”.

583

[A Zuzú]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, p. 103. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece registado na metade inferior da página, podendo ler-se no final a seguinte advertência: “(Particulares)”. Na margem esquerda, encontra-se ainda a seguinte indicação apógrafa “Inédito”.

584

[O meu sol]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 541, pp. 106, 107. Vd. descrição no n.º 131.

O poema aparece registado na p. 106, com ulterior campanha de revisão, na lista de “Emendas” (p. 107). No fundo da p. 106, João Penha acrescenta a advertência “(Particular)”, remetendo ainda para o apêndice, através da nota “(V. E.)”. No canto superior esquerdo, pode ainda ler-se a indicação apógrafa “Inédito”.

Anotação textual: emendas

Subtít. (Madrigal]; (madrigal

Aparato genético

12. Transformou a ¶Transformou-me a¶ A

585

[Alecrim do Norte e Lilaz da Persia]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 18. Vd. descrição no n.º 137.

O poema vem acompanhado de uma “Nota explicativa” do autor. No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

Anotação textual: emendas

8. mim!»]; mim!..

586

[A Zulmira]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 33. Vd. descrição no n.º 137.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

587

[Nathalia]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 34. Vd. descrição no n.º 137.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

588

[Á Nathalia]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 36. Vd. descrição no n.º 137.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

Anotação textual: emendas

4. ventura,]; ventura

589

[Nºum postal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 37. Vd. descrição no n.º 137.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

590

[Souvenir]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 40. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

Anotação textual: emendas

Subtít. 1904)]; 1904

591

[No leque de]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 67, 83. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 67, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 83). No fundo da p. 67, João Penha acrescentou a advertência “Não sahiu nos Echos”, remetendo para o apêndice, através da nota “(Vid. E.)”. No canto superior esquerdo, pode ler-se ainda a seguinte indicação apógrafa: “Inedito”.

B – ADB, Ms. 539, p. 41. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece registado na metade superior da página.

Anotação textual: emendas

1. diria,]; diria

Aparato genético

Título. Madrigal A No leque de B

Dedic. A Esther de Nogueira Souto. A □ B

1. «Eis o que n'uma A Eis o que eu n'uma B
2. essa coragem: A essa affouteza: B
3. ti a graça esplende, a *sympatia* A ti resplende, aliada á *sympatia*, B
4. D'uma violeta occulta entre a folhagem» ΓQue uma violeta inspira entre a folhagem.7 A A graça d'uma poetica belleza.» B

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito); a terceira coincide com o Ms. 539. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

592

[Prière]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 42. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece registado na metade superior da página. No final, João Penha acrescentou a advertência “(Particulares)”.

Anotação textual: emendas

1. consagras,]; consagras

593

[Envoi]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 42. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece registado na metade inferior da página. No final, João Penha acrescentou a advertência “(Particulares)”.

Anotação textual: emendas

1. pars]; parts
3. dis]; dit

594

[Carnivoro]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, pp. 53, 90. Vd. descrição no n.º 137.

O poema, que aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito, surge transcrito na p. 53, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 90). No fundo da p. 53, João Penha remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”.

Aparato genético

3. Que come e beija carne, unicamente: ΓQue de carne se nutre, unicamente,Γ A
4. boi, e beija a Γboi, devora aΓ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

595

[Ao Japão]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 58, 89. Vd. descrição no n.º 137. < Cham-panha, nephelibata >

O poema, que aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito, surge transcrito na p. 58, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 89). No fundo da p. 58, João Penha acrescenta a indicação “Particular”, remetendo ainda para o apêndice, através da nota “(V. E.)”. O poema vem assinado por “Cham-panha, nephelibata”.

B – BPMP, M-AF-1170(2). < Champanha >

Este autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por um bifólio (com 22,7 x 18,1 cm) e meio (com 11,3 x 18,1 cm) de papel pautado, escritos de ambos os lados a tinta preta. Trata-se de uma carta datada de 29 de julho de 1905 (vd *infra*), onde João Penha transcreve o poema, atribuindo-o ao ignoto nefelibata “Champanha”. Como comprovam as campanhas de revisão do testemunho A, trata-se de um pseudónimo assonante de João Penha.

Anotação textual: emendas

16. ronca!]; ronca!»

Aparato genético

2. batalha; A batalha, B
 4. ralha. A ralha! B
 7. Basta, A Basta; B
 8. d’horrendas façanhas. A d’horridas façanhas! B
 13-16. *Em A, estes versos aparecem acrescentados posteriormente, na secção de “Emendas”.*
 14. □ ΓSahiu soturna → (medonha)Γ A Sahiu medonha B
 16. □ Γronca.Γ A ronca!» B

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e na carta para Antero de Figueiredo. As

alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos processos amplificadores (adição).

Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo (vd. *supra* testemunho B), João Penha transcreve este poema, aludindo pitorescamente às doutrinas de Buda. Embora surja atribuído a um ignoto nefelibata, a verdade é que o carne havia já sido objeto de anteriores revisões, nos manuscritos do poeta, donde se depreende que “Cham-panha” seja apenas um pseudónimo assonante de João Penha:

Caro amigo.

Não lhe tenho escripto, porque tenho andado de um humor execravel. Por causa de quê? perguntará. – Por causa das moscas. Para mim, a mosca é o animal mais immundo que existe na face da terra, e tem o condão especial de me fazer feroz: Podesse uma só nau contêl-as todas,

E a aranha fosse eu!

E comtudo esses animaes hibernantes (eu chamo-lhes assim, porque as vejo desaparecer na sua infinita totalidade, subitamente, no 1.º dia de frio, – e reaparecerem de novo, na mesma infinita totalidade, no 1.º dia de verão) e comtudo esses animaes hivernantes, digo eu, têm indubitavelmente uma alma. Que destino será o d’essa alma? Segundo a divina religião de Bouddha, mau, porque esses repugnantes animaluscos não cumprem a lei da expiação pela dôr. Causam-a, teimosa e malevolamente. O melhor do seu tempo passam-o, n’uma voluptuosidade criminosa, de trombas mettidas em lambugens, e em toda a especie de immundicias. Assim, longe de ascenderem a um mundo melhor, aqui permanecerão durante outra ou outras existencias, sob uma forma relativamente inferior. Qual? Eis ahi o mysterio. Talvez sob a de mosquitos, de trombeteiros, de moscardos de burro.

A proposito de Bouddha.

Surgiu aqui um poeta novo, nephelibata, que assigna as suas composições com este nome: Champanha.

Ahi vae um panno d’amostra:

Ao Japão

(A proposito do terremoto)

*Venceste o Urso ladrão,
Venceste a grande batalha,
Mas, tem cautela, Japão:
Bouddha ronca, Bouddha ralha!*

*Horrivel tremor de terra
Te revolveu as entranhas:
Basta; valente, de guerra,
Basta d’horridas façanhas!*

*A derrocada horroriza,
Tambem ja rosna a canalha:
Vê, Japão, que o ceu te aviza:
Bouddha ronca, Bouddha ralha!*

*Do ventre da terra hiante
Sahiu medonha farronca:
Não te faças arrogante:
Bouddha ralha, Bouddha ronca!»*

*Eu dava todos os versos que tenho commettido, por esse do grande poeta ignoto:
Bouddha ronca, Bouddha ralha!
Penetra-nos no ouvido attonito e nunca mais de lá sahe!
Sobre outros assumptos, em breve.
Um abraço ao Alberto.*

Seu do c.

29-VII-05.

J. Penha

596

[Flirté]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 539, p. 59. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

597

[E elle a entrar...]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 94a.

Trata-se de um meio-bifólio de papel pautado (medindo 11,2 x 17,9 cm), que se encontra dobrado e colocada no interior do caderno Ms. 538 (vd. descrição no n.º 253). Está escrito de um só lado, a tinta preta, apresentando no final a assinatura do poeta.

598

[N'outro postal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 20. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

Anotação textual: emendas

Título. N'outro postal]; N'outro

599

[Á Augusta]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 24. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade inferior da página, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ineditos”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência “Particular”.

Anotação textual: emendas

Título. Á Augusta]; <Á Augusta>

Aparato genético

Título. <Á Augusta> A

600

[Celestina]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, pp. 25, 89. Vd. descrição no n.º 253.

A quadra aparece registada na metade superior da p. 25, com ulterior campanha de revisão na p. 89. No canto superior esquerdo da página inicial, encontra-se a indicação apógrafa “Ineditos”, podendo ainda ler-se, no final do poema, a seguinte advertência de João Penha: “Particular”.

Anotação textual: emendas

3. veja,]; veja
4. /celeste *itálico*/]; /celeste sublinhado/

Aparato genético

Título. Á Celestina ΓCelestinaΓ A

3. veja, ΓvejaΓ A

601

[Madrigal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, pp. 25, 89. Vd. descrição no n.º 253.

A quadra aparece registada na metade inferior da p. 25, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 88 e 89. O canto inferior esquerdo da p. 25 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no final do poema, a seguinte advertência de João Penha: “Particular”.

Anotação textual: emendas

Título. Madrigal]; □

Aparato genético

Título. Madrigal □□ A

1. idade, Γidade; A
3. E na ΓMas, na A
4. Tão linda, ΓÉs linda, Γ ΓSe és linda, A A

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

602

[Madrigal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 26. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade superior da página, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ineditos”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência “Particular”.

603

[Madrigal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, pp. 26, 88. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade inferior da p. 26, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 88). A seguir ao poema, João Penha acrescentou as seguintes advertências: “(V. E.)” e “Particular”.

Anotação textual: emendas

3. estrambotica!]; estambotica!

Aparato genético

3. O que é cousa bem exótica ΓPara quê? Cousa estambotica!¶ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

Notícia dos testemunhos**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 29. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade inferior da página. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência: “Particular”.

Aparato genético**3. desgraça<:>/!\ A**

605

[Madrigal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 31. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade superior da página, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “In”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência: “Particular”.

606

[A Augusta]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 31. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade inferior da página, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “In”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência: “Particular”.

Anotação textual: emendas

Título. A Augusta]; <Á Augusta>

Aparato genético

Título. <A Augusta> A

607

[Queixa]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 36. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade superior da página. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência: “Particular”.

608

[Envoi]**Notícia dos testemunhos****1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 36. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade inferior da página. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência: “Particular”.

Aparato genético

1. do <meu> coração A

609

[Contricção]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 41. Vd. descrição no n.º 253.

O canto superior esquerdo da página apresenta a indicação apógrafa “Inédito”, podendo ainda ler-se, no final do poema, o seguinte esclarecimento do autor: “(Collaborado com Z. de M.)”.

610

[Quatorze contra um!]

Notícia dos testemunhos**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, pp. 54-55. Vd. descrição no n.º 253.

No fundo da p. 55, João Penha acrescentou a advertência “Particular”.

Aparato genético

12. <Do> Dando [↓ D] A

611

[Críticas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 61. Vd. descrição no n.º 253.

O canto superior esquerdo da página apresenta a indicação apógrafa “Inédito”, podendo ainda ler-se, no final do poema, o seguinte esclarecimento do autor: “(N.) Não sahiu nos Echos”.

612

[A Amilcar]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, pp. 64, 82. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 64, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 82). No fundo da p. 64, João Penha acrescentou a indicação “(Particular)”, remetendo para o apêndice, através da nota “(Vid. E.). A segunda campanha de revisão para este poema (na p. 82) aparece no entanto registada por mão diferente. No canto superior esquerdo da p. 64, pode ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Inedito”.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Foram publicadas duas transcrições póstumas do manuscrito:

- *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.]. Ano LVIII, n.º 85 (11 de abril de 1926), p. 1.
O poema foi transcrito por Júlio Brandão, em artigo dedicado a João Penha. Trata-se de uma cópia que inclui as correções registadas na lista de “Emendas”.
- Júlio Brandão, *Galeria das Sombras: Memórias e Outras Páginas*, Porto: Livraria Civilização Editora, [1935], pp. 225-226.
Júlio Brandão volta a publicar este inédito, no capítulo que dedica a João Penha, mas fá-lo sem título e com ligeiras alterações ao original.

Anotação textual: emendas

9. Frutas, pão e agua nativa,]; Frutas pão e agua nativa
11. respectiva!]; respectiva.

Aparato genético

9. Por champagne, agua nativa; ΓFrutas pão e agua nativaΓ A
A campanha de revisão aparece registada por mão diferente.
10. Por calçado os proprios pés; ΓE desde a cabeça aos pésΓ A
A campanha de revisão aparece registada por mão diferente.
11. Roupa o nú, aquela activa.<.>!/\\ ΓRoupa o nu, a perna activa.Γ ΓΓNu, sem
<mesmo a> parra <esquiva> [↑ respectiva].ΓΓ A
As campanhas de revisão aparecem registadas por mão diferente.

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

Arquivo documental

Este poema foi publicado por Júlio Brandão, n' *O Primeiro de Janeiro* (vd. *supra codex descriptor*), para ilustrar a facilidade do poeta na composição de espontâneos sonetinhos. Sobre o contexto que rodeou a sua composição, esclarece:

E, já que se trata de sonetinhos, queremos dar-lhes um que aqui temos – epigrama inofensivo a um médico de nome, inquebrantável propagandista do frugivorismo. É claro que não é das obras-primas de João Penha – mas é inédito e gracioso.

613

[La Pauvreté]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1180(1). Vd. descrição no n.º 1.

Este testemunho autógrafo é composto por um bifólio de papel pautado (com 25,5 x 18,4 cm), escritos de ambos os lados a tinta preta. Os fólios f. 1r-1v acolhem uma carta de João Penha para Antero de Figueiredo, dispondo-se o madrigal no f. 2r (vd. *infra* Arquivo documental). Está datado de 7 de setembro de 1912.

B – ADB, Ms. 538, p. 65. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade superior da página.

Aparato genético

Título. pauvreté A Pauvreté B

1. «Bella A Bella B
2. «De A De B
3. «– D'aquillo A – «D'aquillo B
4. «D'aquillo A D'aquillo B

Data. 7-IX-12. A □ B

Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo (vd. *supra* testemunho A), João Penha partilha esta quadra com o amigo:

B. 7-IX-12

Caro amigo.

É uma das suas idiosyncrazias essa da mudança de tenda; n'um dos seus contos, do Partindo da terra retratou-se o meu amigo, a si proprio, debaixo d'esse aspecto. Eu sou exactamente o contrario: arvore.

Agora, cautella com as ventaneiras do oeste, e do norte.

Quanto a Magalhães e Moniz, por ora, nada. Que venham quando quizerem.

Desisti da idea de apresentar, em guiza de prefacio, o parecer da Academia. Seria realmente ridiculo. N'uma hora, farei eu um outro prefacio qualquer, e para engordar

o volume, já ando a escrever, fulminando-a, um artigo àcerca da estúpida reforma orthographica.

Eu já lho disse, se o meu amigo escrever o seu novo livro com essa orthographia, não lho leio, por dignidade propria.

Vae uma quadra, que hoje fiz na cama, para lhe servir de pendent à do Vicente.

Seu

J. Penha.

||

La pauvreté

«Bella Rosinha, anda cá:

«De que vives? lhe disse eu.

« – D'aquillo que Deus me dá,

«D'aquillo que Deus me deu.»

7-IX-12.

J. Penha.

614

[Conde de Arnoso]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 538, p. 77. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo da página, consta a seguinte indicação apógrafa: “Vid 78”.

B – ADB, Ms. 538, p. 78, 82. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 78, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 82). No fundo da página 78, o autor remete para o apêndice das “Emendas” – através da nota “(V. E.)” –, acrescentando depois a indicação: “Não sahiu nos Echos”.

Anotação textual: emendas

Subtít. □] A; (Variante)

Aparato genético

Subtít. □ A (Variante) B

Dedic. (Á senhora Viscondessa de Pindella) A □ B

1. pesadêlo, A pesadêlo B
3. mãe, e os A mãe, os B
6. mocidade; A mocidade, B
9. Seu bom nome, n’um livro de viagens A Como artista, [em] seus contos, sempre lidos, ΓComo artista, em seus contos, sempre lidos,Γ B
10. Insculpiu, como artista primoroso; A Escriptor se revela talentoso; ΓEscriptor se revela primoroso;Γ B
11. E prestes a deixar estas paragens, A E elle só, entre os proceres vencidos, ΓElle só, entre os proceres transidos,Γ B
12. A sua voz se ouviu, formidoloso A A sua voz ergueu, formidoloso ΓA voz ergueu, impavido e brioso,Γ B
13. de selvagens, A de bandidos, B
14. Que a tiro victimou um rei bondoso! A Que a tiro victimou um rei bondoso! ΓQue á traição victimava um rei bondoso.Γ B

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, na p. 78 do manuscrito e na lista de “Emendas”. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

615

[O negro e o vermelho]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 542, pp. 3-4. Vd. descrição no n.º 467.

O canto superior esquerdo da página apresenta a seguinte indicação apógrafa: “Inédito”.

616

[A um poeta d'agua-doce]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 542, p. 20. Vd. descrição no n.º 467.

O canto superior esquerdo da página apresenta a seguinte indicação apógrafo: “Inédito”.

617

[Impiedosa]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 542, p. 21. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa “Inédito”.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Foi publicada uma transcrição póstuma, a partir do manuscrito:

- Maria Amália Ortiz da Fonseca, *Introdução ao Estudo de João Penha*, Lisboa: Portugália Editora, 1963, p. 134.

Este poema inédito foi publicado por Maria Amália Ortiz da Fonseca, no seu livro dedicado a João Penha. Trata-se de uma cópia do manuscrito, mas desprovida de título.

Anotação textual: emendas

3. /Piedade *itálico*/]; /Piedade sublinhado/

618

[Jura]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 542, p. 22. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa “Inédito”.

Anotação textual: emendas

7. – «Não»; – «– Não

619

[Theoria e prática]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 542, pp. 42, 91. Vd. descrição no n.º 467.

O poema aparece registado na p. 42, com ulterior campanha de revisão, na lista de “Emendas” (p. 91). No fundo da p. 42, João Penha remete para o apêndice, através da nota “(Vi E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa “Inedito”.

Aparato genético

3. como <tu> és, A
4. que eu, Christina, te amo, e Γque <eu> te amo, Christina, eΓ A

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

620

[Enigma]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 542, p. 48. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa “Inedito”.

Anotação textual: emendas

5. não?...]; não?..
9. sim?...]; sim?..

621**[Proverbio]****Notícia dos testemunhos****1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 542, p. 62. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa “Inedito”.

622

[Addio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, p. 23. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado na metade superior da página, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “Inedito”. No final do poema, o autor assinalou o capítulo das *Ultimas Rimas* onde o carme deveria inserir-se (5º), substituindo-o depois pela advertência: “(Não sahe)”.

623

[Contra Darwin]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, pp. 37-38, 113. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado nas pp. 37-38, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). O fundo da p. 37 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “Inedito”. A seguir ao mote, o autor assinalou posteriormente a advertência “(Não sahe)”.

Anotação textual: emendas

14. homem».]; homem.

Aparato genético

6. Nem d’uma tília bambú, ΓD’um sycómoro bambú;Γ A
 9. De cabaça não sahe figo, ΓDo pó não sahem (prosigo)Γ A
 10. D’estafermo lubishomem, ΓOs bichos que nos consomem;Γ A
 11. De lagôsta papafigo. ΓDe lagosta não sahe figo.Γ ΓDe codeço não sahe figo.ΓΓ A

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

624

[Pensamento]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, pp. 46, 113. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado na metade inferior da p. 46, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). O fundo da p. 46 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, na margem esquerda, a seguinte nota apógrafa: “Inedito”. No final, o autor assinalou o capítulo das *Ultimas Rimas* onde o carme deveria inserir-se (4º), substituindo-o depois pela advertência “(Não sahe)”.

Aparato genético

3. hedionda faz; Γhedionda o faz, Γ A
4. Quer seja pensadora, quer ΓE quer seja das livres, quer Γ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

625

[Nénia]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, pp. 52, 113. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado na p. 52, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). O fundo da p. 52 remete para o apêndice, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “(?) Inedito”. No final, o autor assinalou o capítulo das *Últimas Rimas* onde o carme deveria originalmente inserir-se: (1º).

Aparato genético

6. Sem uma pena ou dor, ¶Sem a minima dôr,¶ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

626

[A elle e ao Candido]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1163(2).

Este testemunho é constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,7 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta. Trata-se de uma carta para Antero de Figueiredo, datada de 8 de julho de 1901, onde João Penha redige esta quadra jocosa, em protesto contra as extravagâncias ortográficas de Júlio Dantas (vd. *infra* Arquivo documental).

B – ADB, Ms. 544, p. 72. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado na metade inferior da página, podendo ler-se, na margem esquerda, a nota apógrafa “Inedito”. No final do poema, o autor acrescentou posteriormente a advertência: “(Não) sahe”.

Aparato genético

Título. □ A A elle e ao Candido B

1. espantas! A espantas: B
2. Mecía Mécia, A Mecía, Mécia! B
3. Parece-me, oh A Me judice, oh B
4. Asneira pura, ou facécia. A Se asneira não é, parece-a. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo (vd. *supra* testemunho A), João Penha compõe esta quadra para, em tom jocoso, aludir à ortografia usada por Júlio Dantas, no libreto *Dona Mécia* (1901):

Meu caro amigo.

Prêzo, como um papagaio, por um pé, isto é, por uma entorse, só agora me é permittido responder-lhe. A sua pergunta era: como passa?

Respondo: prêso, como um papagaio, por um pe, – e está dito tudo. Ja vou, porém, sahindo mas o meu andar tem ainda o quer que seja do movimento de um canha nas / sulcas/ ondas do mar.*

E que mais? Mais nada.

Faz favor de declarar ao Julio Dantas que é Mecía, e não Mécia. Se quiser diga-lhe isto em verso. Assim, pouco mais ou menos:

Em tudo, amigo, me espantas!

Fazer de Mecía Mécia,

Parece-me, oh Julio Dantas,

Asneira pura, ou facécia.

Diga-lhe que foi o amigo que os fez, porque, para um principiante, estão bem bons. Accrescente que ate em códices antigos tem lido aquelle nome com esta graphia: D. Mescia.

Agora conte de si.

Se

8-VII- 1901

J. Penha.

627

[Scena campesina]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, pp. 87, 103. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado na p. 87, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 103). O fundo da p. 87 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “Inedito”. No final, o autor assinalou o capítulo das *Ultimas Rimas* onde o carme deveria originalmente inserir-se: (5º). A seguir ao título, acrescentou posteriormente a indicação “(Variante a fl.)”.

Aparato genético

11. Pensava, sinistro e ¶Dizia, feroz e¶ A
12. «Se alguem a namora, escacho-o!» ¶Se alguem a namora o escacho.»¶ A
13. certo alfenim ¶certo janota¶ A
15. E a ninguem consta, por fim, ¶E a rir, toda a aldea nota¶ A
16. tal mancebo o escachasse. ¶tal o não escachasse!¶ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

628

[Philosophia]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 120. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade inferior da página. No final, o autor assinalou o capítulo das *Ultimas Rimas* onde o carme deveria originalmente inserir-se (5º).

629

[Confissão]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 134. Vd. descrição no n.º 328.

No final da página, o autor assinalou o capítulo das *Ultimas Rimas* onde o carne deveria originalmente inserir-se (5º).

Anotação textual: emendas

5. alaúde,]; alúde,

630

[Em tempos idos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 141-142. Vd. descrição no n.º 328.

No final do poema, o autor acrescentou posteriormente a advertência “(Não sáhe)”.

Anotação textual: emendas

6. respeito)]; respeito<,>/)\
22. respeito)]; respeito<,>/)\

Aparato genético

6. respeito<,>/)\ A
22. respeito<,>/)\ A

631

[Em cinco linhas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 146. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

632

[Estrophe]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 163, 207. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade superior da p. 163, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 207).

Anotação textual: emendas

5. Morte:]; Morte,;

Aparato genético

5. Morte <:>/,\ A
 7. quem diga, Γquem o diga,Γ A
Data. 12-(<VIII>)X-18. A

633

[Oração da noite]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 545, pp. 163, 207. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade inferior da p. 163, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 207). A seguir ao título, o autor cancelou posteriormente a redação, com a advertência “(Não). O fundo da p. 163 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”.

B – ADB, Ms. 545, pp. 164, 202. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade superior da p. 164, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 202). Posteriormente, o autor acrescentou a seguinte indicação, no cabeçalho: “Para novo livro”.

Aparato genético

Título. Oração para crente A Oração para crentes ΓOração da noite] B

1. «Não vem longe a ceifadôra. ΓNão vem longe a segadora,] A «Como já não longe avisto B
2. □ A De outra vida a Percursôra B
Este verso está ausente em A.
3. □ A Que meus olhos cerrará, B
Este verso está ausente em A.
4. E como o transe é previsto, A Transe horrendo, mas previsto, B
5. Desde já, pensando n’isto, A Eu, contrito, desde já B
7. Filho, Jesus Christo A Filho Jesus Christo: B
8. minha alma A minh’alma B

Data. 12-IX-18 A 16-IX-18 B

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos amplificadores (adição).

634

[A Negra]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 164, 208. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade inferior da p. 164, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 208). O fundo da p. 164 remete para o apêndice, através da nota “(V. E.)”.

Anotação textual: emendas

2. acoite.]; acoite:

Aparato genético

4. Veremos se escapo, á ΓDeus queira que escape áΓ A

635

[Larvada]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 165. Vd. descrição no n.º 328.

Anotação textual: emendas

3. covo»]; covo,»

636

[Snobbs]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 175-179, 207, 208, 203. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado nas pp. 175-179, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 207, 208 e 203). O fundo da p. 178 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”.

Anotação textual: emendas

- 39. – «Ando»]; = – Ando
- 43. – «Vejam:»]; = Vejam:
- 55. – «Eu»]; = Eu
- 59. – «Meu»]; = «Meu
- 63. – «Apesar»]; = – Meu
- 75. – «Eu»]; «Eu
- 83. – «Préso»]; – Présó
- 87. – «Quando»]; =Quando
- 96. frangalho]; frangalhos
- 99. – «Se»]; = «Se

Aparato genético

- 24. Corot, um <†>/Apelles.\ ΓCorot, um Apelles.‡ A
A redação original foi apagada e substituída por campanha posterior, entretanto registada no anexo.
- 54. Em seu vestuário, immundo: ΓEm suas vestes immundo,‡ A
- 65-88. *Estes versos aparecem acrescentados em campanha posterior, registada no anexo.*
- 72. □ ΓQue [↑ eu] no <Hack> /Haeckel\‡ A
- 103. O bom do leitor já dorme: ΓO pio leitor ja dorme.‡ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos amplificadores (adição).

637

[Confrônto]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 179. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

Anotação textual: emendas

2. E no que]; E n'isto que

638

[Elles]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 545, p. 170. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade superior da página.

B – ADB, Ms. 545, p. 174. Vd. descrição no n.º 328.

A seguir ao título, o autor cancelou posteriormente a redação, através da advertência “Não”.

C – ADB, Ms. 545, pp. 180-181. Vd. descrição no n.º 328.

No fundo da p. 180, o autor alerta para a continuação na página seguinte, através da advertência “(Segue)”.

Aparato genético

Título. Cryptina A Elle e elles B Elles C

1. – «Edimburgo, A – «Hidimburgo, B – «Hindimburgo, C

2. *Entre os vv. 2 e 3, acresce o seguinte, em A e B:*

Não vejo quem nos socorra! A Vae tudo de bota abaixo. B □ C

4. *commando!» A commando.» B commando. C**Entre os vv. 4 e 5, crescem os seguintes, em A e B:*

– «Tambem o temo: que porra!» A – «Temo-o tambem: que diacho!» B □ C

□ A – «E tu, Ludendorff, amigo, B □ C

□ A Que pensas? não dizes nada? B □ C

5-22. *Estes versos estão ausentes em A.*

6. □ A desbarata: B desbarata, C

7. □ A revez.» B revéz. C

8-12. *Estes versos estão ausentes em A e B.*

13. □ A – «Tenho a alma socegada: B Tenho a alma socegada; C

15. □ A quê! B quê? C

18. *Este verso está ausente em A e B.*

19. □ A – Isso B – «Isso C

20. □ A burro!» B burro.» C

21-22. *Estes versos estão ausentes em A e B. Em C, aparecem acrescentados em campanha posterior.**Data.* 18-IX-18. A 20-IX-18. B 24-IX-18. C

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição e amplificação (adição e supressão).

639

[Por hygiene – I]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 182-183, 204. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na p. 182, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 204). O fundo da p. 182 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”.

Aparato genético

Título. <†> [↓ Por hygiene] A

A redação original foi apagada e substituída por campanha posterior, registada na linha inferior.

- 1-4. *Estes versos aparecem acrescentados em campanha posterior, registada no anexo com a seguinte indicação: “Antes da primeira quadra, e como cabeçalho, isto”.*
12. Mesmo aos asnos e tenazes. ΓMesmo aos burros e tenazes.⌋ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição e amplificação (adição).

[Por hygiene – II]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 183, 204, 202. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na p. 183, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 202 e 204). O fundo da p. 183 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”.

Anotação textual: emendas

2. prática,]; prática

Aparato genético

1. E se o faço, escuta ΓMas se o faço, escuta Γ ΓE demais, escuta Γ Γ A
 2. E o ponho ás vezes em prática, ΓSe o ponho ás vezes em prática Γ A
 6. Por uma especie de tactica, ΓPela fúfia democratica, Γ ΓPela fúfia aristocratica, Γ Γ ΓPor tôla censura emphatica, Γ Γ A
 7. Por medecina allopathica, ΓPela devisa allopathica, Γ ΓPor uma especie de tactica, Γ Γ A
 11. nos causa mais Γnos produz mais Γ A

Grosso modo, podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

640

[A voz da natureza]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 184, 204. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade superior p. 184, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 204). O fundo da p. 184 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”.

Anotação textual: emendas

2. distinto?»; distinto,

Aparato genético

2. Até galante e distinto?» ΓMesmo elegante e distinto,7 A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

641

[A papoila]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 184, 204. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade inferior p. 184, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 204). O fundo da p. 184 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”.

Anotação textual: emendas

1. – «Sabes]; «Sabes
7. sobranceiras?»]; sobranceiras.

Aparato genético

6. Pedindo meças á prosa, ΓEm confrôntos á da prosa,Γ ΓΓRival infeliz das prosasΓΓ A
7. A quem mira, sobranceira?» ΓQue a desprezam, sobranceiras.Γ A

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

[A um plagiário]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 186-187. Vd. descrição no n.º 328.

No final do poema, o autor acrescentou a indicação “(Antigo)”.

Arquivo documental

I. João Penha traduz um poema que o criminoso francês Pierre-François Lacenaire (*1803 †1836) compôs na sequência de um plágio de M. Altaroche, envolvendo a conhecida “Pétition d’un voleur à un roi voisin” (vd. Arquivo documental do poema n.º 547).

[Pierre-François Lacenaire, Mémoires, Révélations et Poésies de Lacenaire Écrits par lui-même, a la Conciergerie, Paris: Marchands de Nouveautés, 1836, vol. II, pp. 133-134.]

Revendication

*Je suis un voleur, un filou,
Un scélérat, je le confesse;
Mais quand j’ai fait quelque bassesse,
Hélas! je n’avais pas le sou!
La faim rend un homme excusable;
Un pauvre de grand appétit
Peut bien être tenté du diable;
Mais pour me voler mon esprit,
Êtes-vous donc si misérable ?*

*Or, contre un semblable méfait,
Notre code est muet, je pense;
Au parquet, j’en suis sûr d’avance,
Ma plainte aurait bien peu d’effet.
Pour dérober une filoché (bourse),
On s’en va tout droit en prison,
Aussi le prudent ***
Ne m’a volé qu’une chanson,
Sans mettre la main dans ma poche.*

*Un voleur adroit et subtil,
Pour éviter toute surprise,
Sait déguiser la marchandise,
Et la vendre ainsi sans péril;
***, aussi raisonnable,*

*Et craignant quelque camouflet,
A pris le parti détestable
D'estropier chaque couplet
Pour le rendre méconnaissable.*

*Je ne puis assez m'étonner
De ce bel effort de courage!
D'un autre copier l'ouvrage
Pour se mieux faire emprisonner!
Ce dévouement est impayable,
Et c'est avoir un trop bon coeur
De remplacer le vrai coupable,
Et, sans avoir été l'auteur,
D'être l'éditeur responsable!*

Sobre o episódio que originalmente envolveu esta composição, esclarece o redator da *The Quaterly Review*, [London: John Murray. Vol. LVI (April & July, 1836), pp. 120-121]:

In the French papers of the 8th November last, we observed that a man of letters, M. Altaroche, was tried for libels on Louis Philippe. One of these libels was a song, which was submitted to the jury, and ran as follows:

'Pétition d'un voleurs à un roi son voisin'
[...]

This song, when read in court, excited considerable applause, and, as a specimen of caustic satire, appeared to us to deserve it. We thought it, at least, as poignant as any of those celebrated 'odes' in which Béranger had slandered the predecessor of Louis Philippe, and we could not help feeling that this sudden and vigorous right about of the satiric muse was a kind of poetical justice on the new government, which had been, in no inconsiderable degree, indebted for its existence to that species of composition.

If we were surprised and, in a literary point of view, pleased at seeing in M. Altaroche so powerful a successor and rival to Béranger, what was our astonishment when we found – only four days later – that is, on the 12th November – that a felon of the name Lacenaire, who appeared at the bar of the Criminal Court of Paris for a complication of robberies and murders, was the real author of these clever verses, of which M. Altaroche was only the plagiarist and publisher!

We certainly never were more surprised; and we should have doubted whether it was possible that such a wretch could have been the real author, but that Lacenaire reclaimed his property in another song, which, though not so good as the former, (as indeed the very subject forbade,) had yet enough of its spirit to establish the identity of the Chansonnier.

Je suis un voleur, un filou,
[...]

II. Sobre o plágio às composições de Penha, que alegadamente terá sido perpetrado por Boaventura Gaspar da Silva Costa Barbosa (*1855 †1910), vd. “Um artigo de João Penha”, no Arquivo documental II do poema n.º 129.

643

[A decadencia]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 190, 202. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na p. 190, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 202). O fundo da p. 190 remete para o apêndice, através da nota “(V. E.)”.

Aparato genético

11. O que ficas é tôrto: ΓPois o que ficas é tôrto.Γ A
13. Estás aqui, estás ΓPensa que em breve estásΓ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

644

[A mim proprio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 193. Vd. descrição no n.º 328.

Anotação textual: emendas

1. Vê]; «Vê

645

[O instinto da vida]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 194. Vd. descrição no n.º 328.

646

[Et fugit sub umbras]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 194. Vd. descrição no n.º 328.

647

[Sonho desfeito]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 196. Vd. descrição no n.º 328.

Arquivo documental

Em carta para Antero de Figueiredo, João Penha refere-se com mágoa ao enlace da antiga discípula. A missiva, guardada na BPMP com a cota M-AF-1196(1), é constituída por um bifólio de papel pautado (com 25,1 x 17,5 cm), escrito de ambos os lados, a tinta preta. No cabeçalho do f. 1r, a seguir à data, Antero de Figueiredo anotou o ano de 1918, aparecendo depois essa informação realçada a cor azul, no canto superior direito:

B. 14-IV-18

Caro amigo.

Não tenho escripto, porque a minha repugnancia pela epistolografia vae crescendo de um modo aterrador.

As suas Jornadas são excellentes, menos o titulo, que deveria ser Terras de meu paiz. Nellas, como em todos os seus outros livros de imaginação, observo um tom dolente, triste, sem um sorriso, sem uma ironia, sem uma restia de sol: restos da antiga nevrose.

Na sua generalidade, faço minhas, as palavras do Julio Dantas, menos quanto ao seu final. Quanto á orthographia, insiste o meu amigo na dos... burros. Parece incrível!

Cumpre-me agora agradecer-lhe o modo como se desempenhou relativo a me trazer o manuscrito do Por-do-sol (versos) Má coisa.

Alem das do manuscrito, já mandei aos editores, um importante numero de composições, das quaes nem ao menos me accusaram a recepção, e alem d'essas, já tenho aqui mais umas 20, que fiz, de barriga para o ar, na cama, onde me retinha o rheumatismo, e a neurastenia, herança de minha mãe; de sorte que esse meu livro representa um cahos, que me dá cuidado, e isto tanto mais quanto é certo que os sobreditos editores declararam ao João de Barros que só publicariam os meus livros depois de findar a guerra! Ora como esta durará tanto quanto durou a de Troia, que nunca existiu, 10 annos, esses dous meus ultimos livros só serão publicados, depois que eu tiver partido para outros mundo [sic], seguindo a evolução das almas através do infinito, isto é, sem coordenação logica, repletos de erros de typographia e de asnidades! Um horror.

Quanto a saude, respondo-lhe com este aphorismo de Hippocrates: «Senectus est morbus».

648

[Fraude]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 199. Vd. descrição no n.º 328.

Anotação textual: emendas

4. Vatard».); Vatard»

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, pp. 201, 202. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na p. 201, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 202). O fundo da p. 190 remete para o apêndice, através da nota “(V. E.)”.

Anotação textual: emendas

16. morrer».]; morrer.

Aparato genético

9. *Entre os vv. 9 e 10, acrescentam originalmente os seguintes versos, depois eliminados na lista de “Emendas”:*
Ando vestido de trapos: Γ□Γ
Causo nôjo aos proprios sapos, Γ□Γ
10. E pareço um cão vadio! ΓSou um pária, um cão vadio.Γ A
15. Que até receio morrer, ΓDe penuria, ao desamparo,Γ A
16. De penuria, ao desamparo.» ΓAté receio morrer.Γ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de supressão, reordenação e substituição.

Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo, João Penha refere-se aos quatro filhos naturais que teve da mesma amante, incluindo uma rapariga já falecida. A missiva, guardada na BPMP com a cota M-AF-1187(3), é constituída por um bifólio de papel pautado (com 22,8 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados (f. 1r-2r) a tinta preta:

B. 1-V-915.

Caro amigo.

Da mesma pessoa, que actualmente deve orçar pelos 40, e que ainda está excelente para o peccado, tive quatro rejetous, e mais teria se, de commum accôrdo, nos não arranjassemos de maneira, que o facto se não repetisse.

Foram tres rapazes, e uma menina.

Dos rapazes, um morreu do garrotinho, e outro, que mandei criar na aldêa, foi lá assassinado por um curandeiro de má morte. A rapariga matou-a um orgão de Hamburgo que lhe dei, de manivela pêrra, e em que ella, douda por musica, estava a tocar de dia e de noite.

D'essa prole resta, pois, um rapaz, o qual está empregado na chamada municipalização de serviços, a qual passou agora ao Xavier Esteves, e outro, d'essa cidade.

Como o meu amigo conhece ahi meio mundo, e talvez tenha relações com o sobredito Esteves, veio-me a lembrança de lhe pedir, e effectivamente lhe peço que lhe falle, directa ou indirectamente, no sentido não só de conservar no logar que elle occupa, o dito rapaz, que, sem eu o autorizar a isso, usa do nome de João Penha Junior, mas ate de lhe melhorar a situação, pois que é trabalhador, e quanto a intelligencia, só digo, com a modestia que me caracteriza: filho de peixe sabe nadar. Conto com o meu amigo, como fiel, que é.

S. de coração

João Penha.

650

[Os ceus de Buffon]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 543, pp. 2, 85. Vd. descrição no n.º 352.

Este poema aparece transcrito na p. 2, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 85).

Aparato genético

2. ascensão ou descida Γascensão e descidaΓ A

651

[Entre árcades]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 543, pp. 3, 85. Vd. descrição no n.º 352.

O poema aparece registado na p. 3, com ulterior campanha de revisão, na lista de “Emendas” (p. 85). No fundo da p. 3, João Penha remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa “Inédito”.

Anotação textual: emendas

14. serás.»]; serás.

Aparato genético

14. Que sem por isso dar, na mesma estás.» ΓPois que tal como sou, tu o serás.Γ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

652

[**Outro Hamlet**]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 543, pp. 4, 85. Vd. descrição no n.º 352.

Este poema aparece transcrito na p. 4, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 85). No canto superior esquerdo da p. 4, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa “Inedito”.

Anotação textual: emendas

11. pôdre]; /* pôcre/

Aparato genético

4. Um defunto será um ΓSerá, um dia, o morto umΓ A
11. /* pôcre/ bergantim. A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

653

[Recíprocas amabilidades]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 543, p. 6. Vd. descrição no n.º 352.

Anotação textual: emendas

12. – «E]; – E

654

[**Homo natus de muliere...**]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 543, p. 7. Vd. descrição no n.º 352.

655

[Carta]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 543, p. 9. Vd. descrição no n.º 352.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Foi publicada uma transcrição póstuma, a partir do manuscrito:

- Maria Amália Ortiz da Fonseca, *Introdução ao Estudo de João Penha*, Lisboa: Portugália Editora, 1963, p. 137.
Este poema inédito foi publicado por Maria Amália Ortiz da Fonseca, no seu livro dedicado a João Penha. Trata-se de uma cópia do manuscrito, mas com algumas corruptelas.

Anotação textual: emendas

8. estado.]; estado
12. «O]; O

656

[A foda, a luxuria,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 559 3, p. 6.

Este testemunho autógrafo, devidamente assinado por João Penha, é composto por uma folha de papel (com 14,4 x 22,4 cm), escrita de um só lado a tinta preta. Está guardado no espólio do poeta, juntamente com uma carta posterior de Victoriano Peres Furtado Galvão, pedindo-lhe antigas composições do tempo de Coimbra (vd. Arquivo documental II, no Aparato Crítico do n.º 245).

657

[O acto e o verbo]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 536, p. 158. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece registado na metade inferior da página. Na margem esquerda, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Cryptinas”.

B – BPMP, M-AF-1147.

Este testemunho autógrafo, que se encontra devidamente assinado por João Penha, pertence ao espólio de Antero de Figueiredo. É constituído por uma folha de papel pautado (com 18 x 11,4 cm), escrita de um só lado a tinta preta, no sentido transversal às linhas.

Anotação textual: emendas

4. hacen niños?»]; hacen los niños?»

Aparato genético

1. subjugada A subjugada, B
 4. hacen niños? A hacen los niños?» B
Data. 1-10-98. A 8-X-98. B

658

[Na matta]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, pp. 158, 189. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece registado na metade superior da p. 158, com ulterior campanha de revisão na p. 189. Na margem esquerda da p. 158, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Cryptinas”.

Anotação textual: emendas

1. rapariga,]; rapariga –
3. – «Que]; « = Que

Aparato genético

1. á singela rapariga, Γá simploria rapariga –Γ A
3. Lhe pergunto: – «Que sentes, doce amiga? –» ΓPerguntei-lhe: « = Que sentes, doce amiga?»Γ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

659

[Num water-closet]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, pp. 180-181. Vd. descrição no n.º 65.

Na margem esquerda da p. 180, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Cryptinas”.

Anotação textual: emendas

8. /Harpa *itálico*/]; /Harpa sublinhado/

660

[Lei do sello]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, p. 182. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece registado na metade superior da página. Na margem esquerda, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Cryptinas”.

Anotação textual: emendas

6. – «Na]; Na

661

[Por tabella]

Notícia dos testemunhos**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, p. 182. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece registado na metade inferior da página. Na margem esquerda, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Cryptinas”.

662

[Idyllio moderno]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1136(1).

Este testemunho autógrafo, que se encontra devidamente assinado por João Penha, pertence ao espólio de Antero de Figueiredo. É constituído por um cartão (medindo 12,8 x 19,7 cm), ilustrado com uma estampa alusiva ao mês de março. O poema foi registado a tinta preta.

B – BPMP, Ms. 2012, p. 212. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Ocupa a metade superior da página.

C – ADB, Ms. 537, f. 11v. Vd. descrição no n.º 66.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

Anotação textual: emendas

4. dentro?» – Responde]; dentro? – Responde

Aparato genético

Dedic. Offerecido, como follar, ao amigo Anthero de Figueiredo A □ BC

2. mocetão, AB mocetão C

3. passar<, >/:\ «Adeus, Vicente! A passar: «Adeus, Vicente; B passar: – «Adeus, Vicente, C

4. «Deixas-me ir dentro? Responde elle: E tu?» A Deixas-me ir dentro?» Responde elle: «E tu?» B «Deixas-me ir dentro? – Responde elle: – «E tu?» C

Data. 23-3.º-94. A – março de 94 – B □ C

Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo (BPMP, M-AF-1144(8)), João Penha refere-se a esta composição como sendo impublicável. Vd. carta transcrita no Arquivo documental do n.º 100.

663

[A uma de longos cabellos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 537, f. 48v. Vd. descrição no n.º 66.

664

[Entre a ama e a sua aia]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São considerados dois testemunhos: um manuscrito e um impresso:

A – *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 868 (2 de dezembro de 1911), p. 2. Vd. descrição no n.º 164.

Trata-se de um artigo dedicado a João Penha, onde o poema aparece transcrito sem autorização do autor e com os últimos versos truncados (vd. *infra* Arquivo documental).

B – ADB, Ms. 539, pp. 83, 87. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 83, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 87). O fundo da p. 83 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se a seguinte indicação do autor: “Particular”.

Anotação textual: emendas

7. – «Uma]; uma
8. Sem]; – «Sem
11. apuro,] A; apuro
12. «Tire-se] A; Tire-se

Aparato genético

Título. Entre ama e creada A Entre a ama e a sua aia B

1. – Senhora, A – «Senhora, B
3. querido. A querido! B
5. assim talvez. A assim, talvez!» B
Em A, segue-se um espaço interestrofico.
6. – «Mas diz-me que é que te fez?» A – Mas, diz-me: que é que elle fez? B
7. – Uma traição de judeu: A □ Γuma traição de judeu.Γ B
Este verso está ausente em B, sendo acrescentado no apêndice final.
8. Sem atender aos meus A – «Sem se importar com meus B
9. Encostou-me junto a um muro, A Fêz-me o que bem lhe par’ceu: ΓEncostou-me junto a um muro,Γ B
10. – «Tem-te, A «Tem-te, B

11. Quiz lutar naquele apuro, A E encostou-me junto a um muro, ΓEu quiz lutar n'este apuroΓ B
12. «Tire-se lá, lhe disse eu; A □ ΓTire-se lá» – lhe disse eu.Γ B
Este verso está ausente em B, sendo acrescentado no apêndice final.
13. Mas em vão; ergueu-me..... A Depois levantou-me as saias, ΓMas em vão: ergueu-me as saiasΓ B
14. A E meteu-me um nervo duro B
15.que Deus me deu. A N'aquillo que Deus me deu!» B

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira corresponde à redacção inicial do Ms. 539; a segunda aparece documentada, com algumas variantes, no registo truncado da *Vitalidade* e na lista de “Emendas” do manuscrito. As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem operações sintagmáticas de substituição e reordenação, bem como processos amplificadores (adição).

Arquivo documental

Em artigo publicado no jornal *Vitalidade* (vd. *supra* testemunho A), um colaborador do jornal publica, em versão truncada, o poema que lhe chegara às mãos, por meio de circuito privado. A reação de João Penha é publicada no mesmo jornal, a 16 de dezembro de 1911, num artigo onde não deixa de reprovar a indiscrição suscitada pelo episódio. Vd. textos transcritos no Arquivo documental II do n.º 129.

665

[Cryptinos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 65. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade inferior da página. No final, o poeta acrescentou a indicação: “Cryptina”).

666

[De Montaigne]

Notícia dos testemunhos**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 538, p. 70. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade inferior da página, podendo ler-se, na margem esquerda, a seguinte indicação apógrafa: “Inédito”.

Anotação textual: emendas

Título. Montaigne]; Monteigne

667

[O rei gallego]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 76, 82. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na p. 76, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 82). O fundo da p. 76 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, acrescentando a seguinte advertência do autor: “Particular”.

B – BPMP, M-AF-1183.

Este testemunho autógrafa, que se encontra assinado por “P”, pertence ao espólio de Antero de Figueiredo. É constituído por uma folha de papel pautado (medindo 11,3 x 18 cm), escrita de um só lado a tinta preta.

Aparato genético

3. á soberba Maiorca: Γá galante Maiorca –Γ A á galante Maiorca: B

4. bem, duquesa: A bem, marquesa: B

Data. □ A 5 – outubro, 913. B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no autógrafa da BPMP. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

668

[A accusação e a defesa]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 542, pp. 56, 92. Vd. descrição no n.º 467.

O poema aparece registado na p. 56, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O fundo da p. 56 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid E.”, acrescentando a seguinte advertência do autor: “Crypyina”.

Aparato genético

10. Mesma scena, mesmos ais, ΓΟ mesmo episodio, uns ais.7 A

669

[Cryptina]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, p. 4. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado na metade inferior da página.

Anotação textual: emendas

3. – «Ora!]; – Ora!

670

[N'um hotel dubio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, pp. 54, 113, 114. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado na p. 54, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 113 e 114). O fundo da p. 54 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, acrescentando a seguinte advertência do autor: “(Não publicavel)”. No canto superior esquerdo, pode ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa: “x ?”.

Anotação textual: emendas

12. perúas.»]; perúas.

Aparato genético

2. Louca, indefinida, ΓLuz amortecidaΓ A
3. Veio, de corrida, ΓVem-me, de corrida;Γ A
4. Veio, e ΓSópro; eΓ A
8. Me affugente ΓMe afugenteΓ A
12. Coxas de perúas.»; ΓAzas de perúas.Γ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

671

[Cryptinas – I – Idílio aurora de seculo]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 536, p. 167. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece registado na metade inferior da página. Na margem esquerda, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “Crypyinas”.

B – ADB, Ms. 544, p. 83. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado no primeiro terço da página. No final, o autor acrescentou a advertência: “(Não pode sahir)”.

Aparato genético

Título. Idyllio aurora-de-seculo A Cryptinas | I | Idílio aurora de seculo B

1. – «Que A Que B
2. «Anjo A Anjo B
3. «Meu A Meu B
4. «Que desejas?» A Que desejas? B

[Cryptinas – II – Ingenuidade]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, p. 83. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado no segundo terço da página. No final, o autor acrescentou a advertência: “(Não pode sahir)”.

[Cryptinas – III – Por gymnastica]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 538, p. 72. Vd. descrição no n.º 253.

No fundo da página, pode ler-se a seguinte advertência do autor: “(Particular)”.

B – ADB, Ms. 544, pp. 83-84. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado no último terço da p. 83 e no primeiro da p. 84. No final, o autor acrescentou a advertência: “(Não sahe)”.

Aparato genético

Título. Cocotte A [Cryptinas] III | Por gymnastica B

2. virtude. A virtude<,>/:\ B

4. *Entre os vv. 4 e 5, existe em A um espaço interestrófico.*

6. sequins, A sequins B

[Cryptinas – IV – Entre amigas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 75, 83. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na p. 75, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 83). O fundo da p. 75 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, acrescentando a seguinte advertência do autor: “Particular”.

B – ADB, Ms. 544, p. 84. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado no segundo terço da p. 84. No final, o autor acrescentou a advertência: “(Não sahe)”.

Aparato genético

Título. Entre amigas A [Cryptinas] IV | Entre amigas B

1. – «Está a manhã tão bella: A – «Oh Rosa, que manhã <tão> bella! B
2. Vamos nós pos hi abaixo A Vamos por ahi abaixo, B
4. [← D] O que preciso é d’um macho.» ΓDo que preciso é d’um macho.Γ A
Do que eu preciso é d’um macho.» B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no Ms. 544. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

[Cryptinas – V – A rainha e o bardo]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 538, p. 70. Vd. descrição no n.º 253.

O poema aparece registado na metade superior da folha, com uma indicação apógrafa no canto superior esquerdo: “Inédito”. No fundo da página, o poeta acrescentou uma nota, seguida da advertência: “Particulares”.

B – ADB, Ms. 544, p. 84. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado no último terço da página. No final, o autor acrescentou o sinal: “(+)”.

Aparato genético

Título. A rainha e o bardo A [Cryptinas] V | A rainha e o bardo B

1. mais. A mais.» B
2. noite? – A noite?» – B
3. – «Tal somma nunca tive... – «Então, que daes? A – «Nunca tive tal somma.»
– «Então que daes?» B

Nota. N. – mil dobrões: 24 contos. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

672

[Cryptina]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 144. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade inferior da página. No final, o autor acrescentou a advertência: “(Não publicavel)”.

Anotação textual: emendas

1. – «Não»; – Não

673

[Ora toma...]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, pp. 151-152, 190. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito nas páginas numeradas como 151 e 152, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 190). Na margem esquerda da p. 151, é possível ler a seguinte indicação apógrafo: “Delfineida”.

Anotação textual: emendas

Subtít. /Reporter *itálico*/]; /Reporter sublinhado/

Aparato genético

10. d'um vate Γd'um asnoΓ A

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

674

[A azêmola]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1152.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por uma folha de papel pautado (com 11,2 x 18 cm), escrita de um só lado a tinta preta. Está datado e devidamente assinado por João Penha.

B – ADB, Ms. 536, p. 153. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece registado na metade superior da página. Na margem esquerda, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Delfineida”.

Anotação textual: emendas

1. – «Oh!] A; «– Oh!

Aparato genético

1. – «Oh! A «– Oh! B
2. Tu, A «Tu, B
3. É A «É B

Data. 19-II-98. A □ B

Nota. N. | Não confundir Bayard, cavallo dos quatro filhos Aymon, com o chevalier sans peur et sans reproche. A □ B

675

[Madrigal]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1149.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por uma folha de papel pautado (com 11,2 x 18 cm), escrita de um só lado a tinta preta. Está datado e devidamente assinado por João Penha.

B – ADB, Ms. 536, p. 154. Vd. descrição no n.º 65.

Na margem esquerda da página, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Delfineida”.

Aparato genético

Data. 19-II-98. A □ B

Nota. □ A (*) Delfim de Brito Guimarães. B

676

[Coloquio]**Notícia dos testemunhos****1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, p. 155. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece registado na metade superior da página. Na margem esquerda, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Delfineida”.

677

[Aquella cousa]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1156.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por um cartão de visita (com 7,4 x 4,3 cm), no verso do qual o poeta escreveu esta quadra, a tinta preta. Está datado e devidamente assinado por “J. P.”

B – ADB, Ms. 536, p. 156. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece registado na metade superior da página.

Anotação textual: emendas

Título. Aquella cousa] A; Delfineira

5. proval-o?» – «Quero,]; proval-o?» – «– Quero,

6. – «Prove-o] A; – Prove-o

Aparato genético

Título. Aquella cousa A Delfineira B

Subtít. □ A Aquella cousa B

1. – «Tem estrume, A – Tem estrume B

4. «Que seja bom? «– Sim, Senhor: A Que seja bom? – «Sim, senhor: B

5. proval-o? «– Quero, A proval-o?» – «– Quero, B

6. – «Prove-o, A – Prove-o B

Data. 18-IV-99. A □ B

678[Epitaphio]**Notícia dos testemunhos****1. *Recensio***

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, p. 156. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece registado na metade inferior da página. Na margem esquerda, é possível ler a seguinte indicação apógrafo: “Delfineida”.

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1153.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,7 x 18 cm), escrito de ambos os lados, a tinta preta. Está datado e devidamente assinado por “J. P.”

B – ADB, Ms. 536, pp. 164-166. Vd. descrição no n.º 65.

Na margem esquerda da p. 164, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Delfineida”.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Foi publicada uma transcrição póstuma do manuscrito:

- Delfim Guimarães, “Uma «charge» de João Penha” in *Arquivo Literário*, Lisboa: Guimarães & C.^a. Vol. II, t. VII (abril-junho 1924), pp. 209-217. Já depois da morte de Penha, o poema foi transcrito pelo próprio Delfim de Brito Guimarães, em artigo dedicado à contenda travada com João Penha. Como o próprio esclarece, trata-se de uma cópia, a partir de transcrição de B, fornecida por Júlio Brandão (vd. *infra* Arquivo documental).

Anotação textual: emendas

44. saudades,] A; saudades

Aparato genético

Título. Endeixas A O triste B

Subtít. □ A (Delfineida) B

1. necedades, A nece<ssa>dades, B
 5. bem! A bem. B
 10. bem! A bem. B
 11. edades A edades, B

Em A, a palavra aparece repetida por mão diferente, na entrelinha superior.

15. bem! A bem. B
 17. cecém; A cecem. B
 20. bem! A bem. B

21. Viu-a por entre umas A Viu-a através d'umas B
 25. bem! A bem. B
 30. <m>/s\eu bem! A seu bem. B
 32. pelém! A pelém. B
 35. bem! A bem. B
 39. saudades A saudades, B
 40. bem! A bem. B
 44. saudades, A saudades B
 Data. 12-III-99. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

Arquivo documental

Em artigo dedicado à contenda literária que travou com João Penha (vd. Arquivos documentais II, dos n.os 718 e 727), Delfim de Brito Guimarães publica este poema, já depois da morte do autor e antecedendo-o do enquadramento que ditou a sua composição (vd. *supra codex descriptor*):

[...] Não é sem uma certa comoção que rememoro este episódio da minha juventude, esta página da minha caderneta de obscuro soldado da milícia literária... A meio – ou quase no fim do caminho do outono, volvo com tristeza os olhos ao passado, e lembro, magoadamente, o entusiasmo que me animava nos primeiros passos da minha carreira de escritor, ou, melhor, do meu voluntariado nas Letras!

A que vem, então, este exórdio? perguntará o leitor.

Á legítima curiosidade dos que me lêem vou dar a razão que justifica o espaço que concedo a estes trechos de memórias, ou lembranças, se entenderem que a primeira designação é pretenciosa em demasia para feitos tam modestos. O exórdio é que vae do tamanho da légua da Póvoa...

Por ocasião da pendência literária, que ahi fica resumida, Antero de Figueiredo, meu amigo e camarada, comunicou-me que João Penha solicitára informações a meu respeito, e teve a bondade de dizer me que o poeta das Rimas preparava uma sátira contra a minha pessoa, como desforço dos meus ataques.

Ao obsequioso informador disse eu que não me importava o propósito de João Penha, e que á letra responderia... Quem melhor as tivesse – melhor as havia de jogar!

E fiquei aguardando, serenamente, os acontecimentos... Serenamente, é uma maneira de dizer. A mocidade é pouco propensa á serenidade. O que eu comecei desde logo foi uma série de sonetos alvejando, causticamente, o meu ilustre antagonista, e pondo o seu talento e os seus trabalhos literários pelas ruas da amargura! Pae do Ceu, que acerbo de inconveniências eu consegui fundir no cadinho da minha vaidade irritada com o simples anuncio da sátira de João Penha!

Mas o tempo ia passando sem que viesse á luz a prometida catilinária...

Um dia, perguntei a Antero de Figueiredo o que havia sobre a sátira, obtendo como resposta que o poeta bracarense havia desistido de tal, segundo lhe parecia.

Com certo despeito, confesso, «meti a viola no saco», não dando complemento á tarefa que iniciára cheio de arreganho.

Os sonetos, que havia elaborado, por muito tempo os conservei, até que, falecido o poeta das Rimas, entendi destruí-los, para que não ficasse rasto do meu despeito juvenil, agravando quem já não podia desforçar-se, tanto mais que não subsistia razão que autorizar pudesse a violência das minhas diatribes.

Ora sucedeu que em principios d'este mês de outubro tive conhecimento, por um bilhete postal do meu querido amigo e laureado escritor Julio Brandão, de que existia uma charge de João Penha, em verso, feita á minha pessoa, por ocasião da polémica com o poeta do Vinho e fel. Oferecia-se Julio Brandão, amavelmente, para copiar os versos e mandar-mòs, podendo eu aproveitá-los para o meu Arquivo, ou inutilizá-los.

Respondi ao meu presado camarada, agradecendo-lhe a indicação que me transmitira, dizendo-lhe que estimaria conhecer os versos de João Penha, que ficava aguardando, e que não teria duvida em reproduzir no Arquivo Literário, desde que os mesmos não contendessem demasiadamente com o meu amor-próprio; mas que em tal caso solicitaria da sua comprovada amizade meia duzia de linhas para os acompanharem.

Em carta de 8 d'este mês, Julio Brandão enviava-me os versos de João Penha, e como resposta á solicitação que eu havia deixado ficar em suspenso dizia-me:

«Desde que lhes ponha uma nota, explicando que foram suscitados pela polémica, talvez os possa publicar. Mas isso é com o meu caro Delfim Guimarães: envio-lhos para fazer deles o que quizer.

É muito provavel que o Penha tenha escrito alguns epigramas, mais no feitio dêle. Esta balada é quasi inofensiva, a meu ver. Necedades, em ocasião de pugna literária, até não está muito adentro do contundente vocabulario do poeta...»

Insistir com Julio Brandão, depois da sua carta, para que me obsequiasse com um trecho da sua autoria, que servisse de introdução aos versos do poeta das Rimas, seria uma impertinência para com o meu querido camarada.

Não publicar os versos de João Penha, com o pretexto do termo depreciativo necedades, seria sem a menor duvida uma covardia da minha parte.

Por conseguinte, resolvi escrever este prefácio aos versos humoristicos do malogrado poeta, salvaguardando naturaes melindres, que ninguem, estou certo, me levará a mal. [...]

Ahi fica, integralmente reproduzida, a poesia humorística de João Penha, que não deixará de constituir um mimo para os admiradores, que não são poucos, do extinto e consagrado poeta.

É talvez caso virgem divulgar o satirizado a charge de que foi victima, mas fico bem comigo mesmo procedendo assim.

Não guardo o menor ressentimento para com a memória do afamado vate, perdoadando-lhe a expressão depreciativa a que a força da rima... e o orgulho ferido o levaram.

Assim os leitores me perdoem o tempo que lhes tomei... com estas saudades... dos meus 25 anos!

29 de outubro – 923

D. G.

680

[O cão]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1151.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por uma folha de papel pautado (com 11,2 x 18 cm), escrita de ambos os lados, a tinta preta. Está datado e devidamente assinado por “J. Penha”.

B – ADB, Ms. 536, p. 167. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece registado na metade superior da página, terminando com a anotação: “(Delfineida)”. No canto superior esquerdo, lê-se também a indicação apógrafa: “Delfineida”.

Anotação textual: emendas

2. passava,] A; passava
9. cão: – «Não]; cão: – Não

Aparato genético

Título. O cão, e o burro. A O cão B

4. inda a mais se preparava, A inda a mais se preparava. B

Em A, a palavra “inda” aparece sublinhada por mão diferente, sendo reescrita como “ainda”, na entrelinha superior.

8. Idea!» A Idea.» B

9. cão: « – Não A cão: – Não B

10. ladrei-lhe... porque orneia!» A ladrei-lhe porque orneia.» B

Data. 21-IV-99. A □ B

681

[Vaidoso]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 536, p. 168. Vd. descrição no n.º 65.

No final do poema, o autor acrescentou a indicação: “(Delfineida)”.

Anotação textual: emendas

11. «Que]; Que

682

[Adeus, pois, amigo Anthero:]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – BPMP, M-AF-1201(6).

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por um cartão de visita (com 7,9 x 4,3 cm), no verso do qual o poeta escreveu esta quadra, a tinta preta. No rosto, pode ler-se a identificação de “JOÃO PENHA”, acrescida da morada: “Campo de D. Luiz 1.º – 107”.

683

[Asinipes]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 544, p. 82. Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece registado na metade inferior da página, podendo ler-se, na margem esquerda, a nota apógrafa “?”. No final do poema, o autor assinalou o capítulo das *Ultimas Rimas* onde o carme deveria inserir-se: “(5º)”.

684

[Um aristarcho poeta]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 82, 94. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece registado na p. 82, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 94). No fundo da p. 82, João Penha acrescenta a advertência “N. publicavel”, remetendo ainda para o apêndice, através da nota “(E.)”. No canto superior esquerdo, pode ler-se a indicação apógrafa “Inédito”.

B – ADB, Ms. 545, p. 124. Vd. descrição no n.º 328.

A seguir ao título, o autor acrescentou posteriormente a advertência “(Não sahe)”. No final, anotou ainda as seguintes indicações: “(Olim)” e “(5º)”.

Anotação textual: emendas

2. sapateiro] A; sapateiro,
5. previa,] A; previa;

Aparato genético

2. sapateiro A sapateiro, B
3. mais [↑ vil], e rasteiro Γmais vil e rasteiro, Γ ΓΓmais baixo e rasteiro Γ Γ A
mais baixo e grosseiro, B
5. previa, A previa; B
6. tinteiro A tinteiro, B
9. Em longas eras remotas ΓAgora, em eras remotas Γ A Em longas eras remotas,
B
10. Um de nome igual, um mômô A Um poetastro, um zote, um mômô, B
12. abôno: A abôno! B
14. Outros: A Outros, B
Nota. (Refere-se ao estudante João de Barros) A □ B

685

[Ao mesmo]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – ADB, Ms. 545, p. 125. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade superior da página. No final, o autor acrescentou as advertências “(Não sahe)” e “(Olim)”, bem como o capítulo das *Ultimas Rimas* onde o carme deveria inserir-se: “(5º)”.

I – VERSOS

3. Semiprivados

(ou divulgados fora da supervisão do autor)



Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunho direto*

A – O *Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 1-2 (1871), p. 1. < Bernardes >

Este raríssimo folheto litografado, da responsabilidade de João Penha, teve três números, distribuídos entre 1 e 6 de maio de 1871. À semelhança d’ *A Gaita de Foles*, circulou apenso à sebenta de Direito Civil, para as lições 56-58 do terceiro ano curricular daquela Faculdade. Declarava ter como “Director e poeta... de nome...| Camões (n.º 2)” e tinha como “Preço da assignatura| Por um mez... meia duzia d’asneiras”, advertindo: “N.B. Este preço é pago adiantado, porque o – Zabumba – não tem outros recursos para viver. || Avizo – Por ordem do commissario de policia, Padre Chaves fomos mandados por fora do escriptorio d’este periodico antes de concluirmos este numero. Parece que a denuncia de que o – Zabumba – era um Zabumba Vermelho, fora a cauza d’esta medida preventiva”.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 56, aparece assinado pelo pseudónimo “Bernardes”.

1.2. *Testemunhos indiretos*

Há três testemunhos baseados em cópias que corriam pela Academia:

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 63. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878.

C – Alberto Pimentel, *Poetas do Minho: João Penha*, Braga: Livraria Escolar de Cruz & C.ª Editores, 1893, p. 30.

Este opúsculo de 63 páginas, publicado em formato pequeno (de 17 cm), é o primeiro de uma série de biografias que Alberto Pimentel pretendia dedicar aos poetas minhotos. Como esclarece o autor, o testemunho baseia-se em cópias que correram entre os alunos da Academia, apresentando ligeiras variantes, em relação ao folheto original.

D – António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 258.

Neste livro, publicado em formato pequeno (de 20 cm), dedica o autor um capítulo ao ambiente académico vivido por Eça de Queirós e João Penha, em Coimbra. Teve uma segunda edição, em 1947.

O testemunho em causa baseia-se em cópias que correram entre os alunos da Academia, apresentando ligeiras variantes, em relação ao folheto original.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.^a ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 408. [1.^a ed. 1897]
Trata-se de uma cópia a partir d' *A Renascença*.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotas e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 248.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*.
- João de Deus Ramos, *Poetas*, Lisboa: [s.n.], 1955, p. 16.
Trata-se de uma cópia da versão publicada por Alberto Pimentel, mas com variante de pontuação.

Anotação textual: emendas

1. Tamagnini Encarnação,]; Tamagnini da Encarnação

Aparato das variantes

1. Tamagnini Encarnação,] Tamagnini da Encarnação **AB** Tamagnini Encarnação **CD**
2. Tens na] Tem na **BCD**
4. D'uma rosa do Japão.] De uma rosa do Japão **BC** D'uma rosa do Japão... **D**

Arquivo documental

Sobre este epigrama, que circulou pela Academia coimbrã, diz António Cabral (*Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 258; *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotas e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 248):

[...] *Ainda outro condiscipulo de João Penha tinha os appellidos Tamagnini da Encarnação. Como Encarnação, que era, tinha o nariz muito encarnado, o que inspirou á musa de Penha a seguinte quadra [...].*

687

[O Nobrega]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diário de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 1-2 (1871), p. 1. < O D.º Ant.º Ferreira >Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 56, aparece assinado pelo pseudónimo “O D.º Ant.º Ferreira”.

1.2. *Testemunho indireto*

Há um testemunho baseado em cópias que correram pela Academia:

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Órgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 63. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 409. [1.ª ed. 1897]
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 255.
Trata-se de uma cópia da versão publicada por Gonçalves Crespo, mas com falha de transcrição.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 245.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão publicada por Gonçalves Crespo, mas com falha de transcrição.

Aparato das variantes

Título. O Nobrega] □ B

1. grave e só!] triste e só, B
2. alli] ali: B
3. cipo] cipó, B
4. saguy.] saguy! B

688

[**Aquella pessoa benta**]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 1-2 (1871), p. 1. < **Diogo Camacho** > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 56, aparece assinado pelo pseudónimo “Diogo Camacho”.

689

[O Marques Coelho é homem,]

Notícia dos testemunhos**1. Recensio****1.1. Testemunho direto**

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 1-2 (1871), p. 1. < **Bernardim Ribeiro** > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 56, aparece assinado pelo pseudónimo “Bernardim Ribeiro”.

690

[O Moraes, um pulso forte,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diário de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 1-2 (1871), p. 1. < Diniz > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 56, aparece assinado pelo pseudónimo “Diniz”.

1.2. *Testemunhos indiretos*

Há dois testemunhos baseados em cópias que correram pela Academia:

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Órgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 63. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878.

C – Trindade Coelho, *In illo Tempore: Estudantes, Lentes e Futricas*, Lisboa: Aillaud & C.^a, 1902, p. 243.

Neste livro de memórias, José Francisco Trindade Coelho retrata o ambiente estudantil coimbrão da sua juventude, reproduzindo os epigramas mais célebres que corriam entre os estudantes.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.^a ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 409. [1.^a ed. 1897]
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 255.
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *O Zabumba*.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 245.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão publicada n’ *O Zabumba*.

Anotação textual: emendas

2. cabo,] B; cabo
3. /Morte *itálico*/] /Morte sublinhado/
4. rabo.]; rabo

Aparato das variantes

1. O Moraes, um pulso forte,] O Moraes, um pulso forte B O Moraes, valente cabo, C
2. Um guerreiro antigo, um cabo,] O Moraes, um braço forte, C
3. /Morte sublinhado/] Morte BC
4. coice no rabo.] coice no rabo A couce no r... B couce no rabo! C

Arquivo documental

Sobre este epigrama, que circulou pela Academia coimbrã, escreve Gonçalves Crespo (*A Renascença*, Porto: Imprensa Portuguesa, Fasc. IV, 1878, p. 63; *Obras Completas*, 2.^a ed., Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 409):

[...] *Alves de Moraes, estudante distinto, e hoje caudico de nomeada em terras transmontanas, escreveu um livro socialista intitulado Morte á Morte. João Penha recebe o livro á entrada da aula, lê-o, pasma, e escreve por baixo da dedicatória afectuosa [...].*

Também Trindade Coelho (vd. *supra* testemunho C) se refere a esta quadra:

[...] *um discípulo [...] chamado Moraes, grande fallador, de quem diziam os outros que lembrava um porco n'um faval porque por onde passasse estragava tudo – ideias e assumptos! – [...]*

Aquelle Moraes era o auctor do poema Morte á Morte – que queria dizer Morte á Reacção! – poema que lhe valeu de João Penha este epigramma [...].

691

[«Ó Cerveira, és tão bonito!...»]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 3-4 (1871), p. 1. < **Nicolau Tolentino** > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 57, aparece assinado pelo pseudónimo “Nicolau Tolentino”.

Anotação textual: emendas

1. bonito!...»]; bonito!...
3. conrito:]; conrito
4. «Quanto detesto as mulheres!»; Quanto detesto as mulheres.

692

[O Junqueiro, o nosso poeta,]

Notícia dos testemunhos**1. Recensio****1.1. Testemunho direto**

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 3-4 (1871), p. 1. < **Filinto** > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 57, aparece assinado pelo pseudónimo “Filinto”.

Anotação textual: emendas

3. completa,]; completa

693

[Tojeiro, que vens do tojo]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 3-4 (1871), p. 1. < **Bocage** > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 57, aparece assinado pelo pseudónimo “Bocage”.

Anotação textual: emendas

1. tojo,]; tojo

694

[Duvidas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 3-4 (1871), p. 1. < Sarção > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 57, aparece assinado pelo pseudónimo “Sarção”.

1.2. *Testemunho indireto*

Há um testemunho baseado em cópias que correram pela Academia:

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 63. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 409. [1.ª ed. 1897]
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.

Anotação textual: emendas

2. Larchér?] B; Larchér
3. menino?] B; menino
4. mulher?] B; mulher

Aparato das variantes

Título. Duvidas] □ B

1. desatino,] desatino B
2. Elle é Lárcher ou Larchér] Tu és Lárcher ou Larchér? B
3. Elle é homem ou menino] Tu és homem ou menino? B
4. Elle é menino ou mulher] Tu és menino ou mulher? B

Arquivo documental

Como esclarece Gonçalves Crespo (*A Renascença*, Porto: Imprensa Portuguesa, Fasc. IV, 1878, p. 63; *Obras Completas*, 2.^a ed., Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 408-409), este epigrama, que circulou pela Academia coimbrã, dirigia-se

[...] *A outro condiscipulo, lindo, rosado e timido como uma donzella, chamado Larcher [...].*

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 3-4 (1871), p. 1. < O P.e Agostinho de M.do > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema, publicado na sebenta para a lição 57, aparece assinado pelo pseudónimo “O P.e Agostinho de M.do”.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Trindade Coelho, *In illo Tempore: Estudantes, Lentos e Futricas*, Lisboa: Aillaud & C.^a, 1902, p. 362.
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *O Zabumba*, mas com variantes de pontuação.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 257.
Trata-se de uma cópia do livro de Trindade Coelho. Corresponde à versão publicada n’ *O Zabumba*, mas com variantes de pontuação.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 247.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão publicada n’ *O Zabumba*, mas com variantes de pontuação.

Anotação textual: emendas

1. cru,]; cru
2. broculos,]; broculos

Arquivo documental

Segundo António Cabral (*Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 258; *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, pp. 246-247), este epigrama, que circulou pela Academia coimbrã, refere-se ao

[...] *condiscipulo Castro Feijó – irmão do meu querido Antonio Feijó, o mais distinto poeta do meu tempo em Coimbra [...].*

696

[O gigante]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 3-4 (1871), p. 1. Vd. descrição no n.º 686.

Anotação textual: emendas

2. corda,]; corda
4. Taborda.]; Taborda

697

[Caçada]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 5 (1871), p. 1. < Gabriel Pereira da Costa > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema aparece assinado pelo pseudónimo “Gabriel Pereira da Costa”.

Anotação textual: emendas

5. – «Eh]; – Eh!
6. agarra!»]; agarra,

698

[Pregão]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 5 (1871), p. 1. < **Camoes do Rocio** > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema aparece assinado pelo pseudónimo “Camoes do Rocio”.

Anotação textual: emendas

1. leira:]; leira
3. vassoiras]; Vassoiras
4. d’Albuquerque?»]; d’Albuquerque

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunho direto*

A – *A Gaita de Foles: Diario em Prosa por Uma Sociedade de Poetas anonymos* (ed. Syth Academica), Coimbra: [s.n.]. N.º 1 (1871), p. 1.

À semelhança d' *O Zabumba*, este raríssimo folheto litografado, da responsabilidade de João Penha, teve apenas um número, que circulou apenso à sebenta de Direito Civil, no terceiro ano curricular. Embora se auto-declarasse *Diario em Prosa*, constou apenas de uma poesia. O editor “Syth Academica” declarava: “O preço d’este jornal é meia duzia d’asneiras por mez. O mesmo do Zabumba. Por este preço todos podem ser assignantes e contamos com uma grande coadjuvação”.

Anotação textual: emendas

2. reveste,]; reveste
4. pio.]; pio,

700

[Em Freixo de Espada à Cinta]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – António Manuel Couto Viana, “Guerra Junqueiro em Viana” in AA.VV., *Os Vencidos da Vida: Ciclo de Conferências Promovido pelo Círculo Eça de Queiroz*, Lisboa: [s.n.], 1989, p. 85.

No texto desta comunicação, apresentada ao Círculo Eça de Queirós, António Manuel Couto Viana cita o epigrama de João Penha, sem todavia esclarecer as suas fontes.

Arquivo documental

Sobre esta quadra, que circulou pela Academia coimbrã, escreve António Manuel Couto Viana (vd. *supra* testemunho A):

[Guerra Junqueiro] *Ainda não era (como Afonso Lopes Vieira, com ironia e pesar, o classificou mais tarde) «o Camões dos logistas republicanos», mas já o sarcasmo de João Penha o apontara, na Coimbra onde se bacharelara em Direito, como «um novo Camões», na quadra que se popularizou [...]. (Não se chamava Jacinta a mãe de Junqueiro, mas Ana Maria, e não se dedicava a negócios de cucurbitáceas, senhora burguesa que era, usufruindo de alguns meios de fortuna, numa vila de pacatez provinciana. Mas o nome de Jacinta constituía uma boa rima para Freixo de Espada à Cinta, e o remate da quadra mostrava-se suficientemente inesperado e desconcertante para autenticar a assinatura do sorridente parnasiano exímio.)*

701

[Eloquencia]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunho direto*

A – *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe* (dir. Camões n.º 2), Coimbra: [s.n.]. N.º 5 (1871), p. 1. < **Fr. Agostinho da Cruz** > Vd. descrição no n.º 686.

Este poema aparece assinado pelo pseudónimo “Fr. Agostinho da Cruz”.

Anotação textual: emendas

1. tanto,]; tanto
2. trabalho,]; trabalho
4. Carvalho.]; Carvalho

[A letra dos teus assumptos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunhos indiretos*

Há dois testemunhos baseados em cópias que correram pela Academia:

A – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 63. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 5462, f. 43), ficamos a saber que o autor contou com a colaboração de João Penha.

B – António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 258. Vd. descrição no n.º 686.

O autor transcreve este poema, a partir de cópias que correram entre alunos da Academia. Apresenta variantes significativas, relativamente à versão de base.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 408. [1.ª ed. 1897]
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- Alberto Pimentel, *Poetas do Minho: João Penha*, Braga: Livraria Escolar de Cruz & C.ª Editores, 1893, p. 31.
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 248.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*.

Aparato das variantes

1. A letra dos teus assumptos] Por aquillo que disseste, B
2. Bem nos demonstra quem és,] Bem se conhece quem és: B
3. Vale dous nn bem juntos,] São dois NN bem unidos, B
4. É letra de quatro pés.] Que equivalem quatro pés... B

Arquivo documental

Sobre este epigrama, que circulou pela Academia coimbrã, diz António Cabral (*Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 258; *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotas e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 248):

Tinha João Penha outro condiscipulo, José Borges d’Azevedo Ennes, sobrinho do Bispo de Macau. Chamado á lição, não esteve em maré de felicidade. Logo João Penha versejou [...]

703

[Lambaça]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunhos diretos*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso. Considera-se B a versão de base, por se tratar da última versão revista pelo autor:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 98 (setembro de 1903), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

O poema vem acompanhado de uma nota explicativa do autor. Vd. Arquivo documental III do poema n.º 245.

B – ADB, Ms. 538, p. 17. Vd. descrição no n.º 253.

1.2. *Testemunhos indiretos*

Há seis testemunhos baseados em cópias que correram pela Academia:

C – Cândido de Figueiredo, *Homens e Letras: Galeria de Poetas Contemporaneos*, Lisboa: Typographia Universal, 1881, p. 194.

O autor do livro foi um dos companheiros mais próximos de João Penha em Coimbra, e transcreve esta quadra em capítulo dedicado ao nosso poeta.

D – *Novidades* (dir. Emydio Navarro), Lisboa: [s.n.]. N.º 2750 (28 de março de 1893), p. 1.

Este jornal, filiado nos valores da monarquia constitucional e do Partido Progressista, publicou-se diariamente em formato grande (de 53 cm), entre 1885 e 1913. Trindade Coelho, sob pseudónimo “Aza”, transcreve este poema, num dos artigos que intitulou “In illo tempore”.

E – Alberto Pimentel, *Poetas do Minho: João Penha*, Braga: Livraria Escolar de Cruz & C.ª Editores, 1893, p. 30. Vd. descrição no n.º 686.

O autor transcreve este poema, a partir de cópias que correram entre os alunos da Academia.

F – Trindade Coelho, *In illo Tempore: Estudantes, Lentes e Futricas*, Lisboa: Aillaud & C.ª, 1902, p. 362. Vd. descrição no n.º 690.

O autor transcreve este poema, a partir de cópias que correram entre alunos da Academia.

G – *A Época* (dir. Zeferino Cândido), Lisboa: [s.n.]. Ano VI, n.º 252 (6 de novembro de 1908), p. 1.

Este jornal, filiado nos valores republicanos, publicou-se diariamente em formato grande, entre 1902 e 1909. O diretor, António Zeferino Cândido, foi companheiro de João Penha em Coimbra, e transcreve esta quadra em artigo dirigido contra o juiz da Régua. Vd. Arquivo documental do poema n.º 553.

H – João de Deus Ramos, *Poetas*, Lisboa: [s.n.], 1955, p. 15.

Neste livro, publicado em formato pequeno (de 20 cm), o filho de João de Deus passa em revista alguns dos nomes que fizeram a recente história da poesia portuguesa. Nas páginas dedicadas a João Penha, transcreve-se esta quadra, considerada “de tessitura perfeita”.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 9 de novembro de 1903, p. 1. Gaspar da Silva transcreve este poema, a partir d’ *A Chronica*.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 256. António Cabral transcreve este poema d’ *A Chronica*.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotas e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 245. Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão publicada n’ *A Chronica*.

Aparato genético

Título. □ A Lambaça B

Subtít. □ A (quadra antiga) B

1. em frente do A em face do B
2. Lambaça; A Lambaça: B

Aparato das variantes

Título. Lambaça] □ ACDEFGH

Subtít. (quadra antiga)] □ ACDEFGH

1. De pé, em face do Brito,] De pé, em frente do Brito, A De pé deante do Brito, D De pé, diante do Brito, E De pé deante do Brito F Em pé, defronte do Brito, G Em pé diante do Brito, C Em pé, diante do Brito, H Lambaça:] Lambaça; AH Lambaça: CDEF Lambaça! G infinito] infinito, CD infinito H Infinito EF Infinito, G
- 2.
- 3.

4. A sahir d'uma cabaça.] A sahir d'uma cabaça! EG A sair duma cabaça!... H
Sahindo d'uma cabaça! DF de dentro de uma cabaça! C

Arquivo documental

Sobre este epigrama, que circulou pela Academia, escreve Cândido de Figueiredo, referindo-se a João Penha (vd. *supra* testemunho C):

[...] *Durante as horas de prelecção, o seu espirito, um tanto avesso á jurisprudencia pratica, perdia-se n'um labirinto de rimas e ironias, e um grande numero dos seus melhores improvisos é o que lhe suavizou as horas fastientas da prelecção academica. Muitas vezes eram os proprios lentes o alvo dos seus epigrammas. [...] Não lhe escapavam os condiscipulos, sem que por isso houvesse um despeito ou uma desavença. Um d'elles, que se notabilisava por um magnifico pulmão, voz cava de baritono incipiente, e faces bojudas, estava um dia dando a sua lição de direiro natural ao doutor Brito, e João Penha escrevia no ante-rosto do compendio: [...]*

A quadra percorreu todas as bancadas do curso, e enquanto o Pinto falou, foi difficillimo conter a gargalhada. [...]

[Moraes Carvalho, palavra,]

Notícia dos testemunhos**1. Recensio****1.2. Testemunho indireto**

A – Trindade Coelho, *In illo Tempore: Estudantes, Lentes e Futricas*, Lisboa: Aillaud & C.^a, 1902, p. 362. Vd. descrição no n.º 690.

2. Eliminatio codicum descriptorum

- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 257.
António Cabral transcreve esta quadra, a partir do livro de Trindade Coelho.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 247.
Trata-se de uma cópia do livro *Tempos de Coimbra*. Corresponde à versão publicada por Trindade Coelho.

Arquivo documental

Sobre este epigrama, que circulou pela Academia coimbrã, escreve Trindade Coelho (vd. *supra* testemunho A):

[...] É muito engraçada [...] esta sextilha do João Penha ao Moraes Carvalho, que tem sido ministro, e dava umas lições muito melifluas e bem compostas [...].

[Que bonitos pensamentos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 258. Vd. descrição no n.º 686.

Neste livro, publicado em formato pequeno (de 20 cm), António Cabral regista o ambiente académico vivido por Eça de Queirós, transcrevendo vários epigramas que correram entre os estudantes. Teve uma segunda edição, em 1947.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotas e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 247.

Arquivo documental

Sobre este epigrama, que circulou pela Academia coimbrã, esclarece António Cabral (vd. *supra* testemunho A, pp. 258-259):

[...] *Outro dia, o sr. conselheiro Moraes Carvalho – contou-mò elle proprio – tendo escripto e decorado a sua lição, foi chamado pelo professor, a quem expoz a materia com facilidade, mas dando á sua oração, que sabia de cór, entoações de prédica. Vae João Penha e sae-se com esta quadra, até agora, inédita: [...]. Estes versos produziram effeito: o sr. conselheiro Moraes Carvalho nunca mais decorou uma lição, nem depois, na sua carreira parlamentar, recitou de cór um discurso.*

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Órgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 59. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada por ambos (ADB, Ms. 546 maço², f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito em colaboração com João Penha.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.^a ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 389. [1.^a ed. 1897]
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- *Almanach Illustrado do Diario da Tarde*, Porto: [s.n.]. Ano III (1903), p. 23.
Em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro, transcreve-se o poema, a partir d’ *A Renascença*.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 22 de junho de 1903, p. 2.
Gaspar da Silva transcreve este poema, em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro. Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 250.
António Cabral transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- António Cabral, *O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugália, 1942, pp. 51-52.
Trata-se de uma cópia do livro *Tempos de Coimbra*. Corresponde à versão publicada n’ *A Renascença*.
- João Gaspar Simões, *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa: Ática, 1947. Vol. I, p. 432.
Gaspar Simões transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão publicada n’ *A Renascença*.
- Lopes d’Oliveira, *Guerra Junqueiro: a Sua Vida e a Sua Obra*, vol. I, Lisboa: Edições Excelsior, 1954, p. 24.
Trata-se de uma transcrição d’ *A Renascença*.

- *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.]. Ano 104 (1972), n.º 284 (15 de outubro). Suplemento “domingo”, p. 5.
Em artigo dedicado a “João Penha e Guerra Junqueiro no ‘Homem do Gás’”, João Gaspar Simões cita este poema, a partir d’ *A Renasença*, mas com um erro de transcrição no 1.º verso (“Iam a caminho de Sintra”).
- Amorim de Carvalho (org.), *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 2.ª ed., Porto: Lello & Irmão Editores, 1974, p. 1043.
Trata-se de uma cópia d’ *A Renasença*.
- Manuela de Azevedo, *Guerra Junqueiro: a Obra e o Homem*, Lisboa: Arcádia, 1981, p. 39.
Manuela de Azevedo transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão publicada n’ *A Renasença*.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, p. 30.
Trata-se de uma cópia da versão publicada por Gonçalves Crespo.

Arquivo documental

I. Gonçalves Crespo (vd. *supra* testemunho A) contextualiza o famigerado duelo que Penha e Junqueiro travaram pouco depois do ato de formatura (1873), na taberna coimbrã do Homem do Gás:

[...] O Homem do Gaz, um latagão como umas casas, adorava João Penha; tinha sido patuleia, orára em clubs turbulentos, e gostava de recordar essas epochas gloriosas de *lucta*. Ouvia de longe, da sombra do corredor, as momentosas discussões que se travavam na sala. Quando pediam vinho, e havia contenda literaria ou religiosa, entrava silencioso, grave, cheio de respeito, fazendo pequenos gestos amigaveis aos que ainda não tinha visto naquella noute; não queria perturbar a discussão, dizia.

Havia uma noute, sobre todas solemne, no anno, em que elle deixava a sua habitual e respeitosa concentração, era na noute do acto de João Penha. Nessa noute associava-se á conversa, illuminava-a com os episodios da sua corajosa mocidade, e honrava a festa com seis garrafas de um vinho poderoso e antigo.

Foi numa destas noutes que se travou o famoso duello do João Penha com Guerra Junqueiro. O caso foi assim: o futuro poeta da Morte de D. João chegára de Lisboa havia dias, e narra os episodios da jornada... Contava chistosamente as aventuras da sua peregrinação a Val de Lobos, a sua entrevista com o veneravel solitario, e descrevia com grande abundancia de termos picaros as manhas da alimaria que o levou á presença do eminente historiador; depois falou dos literatos de Lisboa, de um celebre passeio a Cintra.

Reparou-se então que João Penha, curvado, com o rosto unido á parede, escrevia na cal...

Ergueram-se todos, e aproximando-se do poeta lêram as duas seguintes quadras:

*Iam caminho de Cintra,
Montados num só jumento,
Um vate e um dandy pelintra, (1)
Soltando canções ao vento.*

*Pára o burro; é como chumbo;
Diz-lhe o bardo: «ó gambias pôdres!»
Responde o triste: «succumbo
Sob o pezo de taes ôdres.»*

Guerra Junqueiro mordeu o beíço, mas não respondeu: vai o João e rompe com outro bote:

*Junqueiro, que vens de junco.
Tu que és passaro bisnáu,
Não abres o bico adunco?
Pois não me sentiste o páu?*

– Espera, que eu te ensino, bandido! murmura Junqueiro, e replica:

*O Penha borracho
Corria cantando
No dôrso de um macho;
Mas eis senão quando
A besta o estira
Na lama da praça,
Quebrou-se-lhe a taça,
Quebrou-se-lhe a lyra,
Quebrou-se-lhe tudo.
E o pobre Oliveira (2)
Só não diz asneira
Quando fica mudo.*

João Penha estava em guarda, aparou o golpe, e respondeu:

*Afinaste a veia chata,
Bebeste o copo de um borco,
E a cidade estupefacta
Ouviu o granhir de um porco.*

Inda João Penha não acabára este ultimo verso e já Junqueiro começava a escrever, furioso, por debaixo da quadra do adversario:

*Porco és tu, meu animal,
Porque as vermelhas canções
Que sacas do teu bestunto,
São vermelhos salpicões
Não são versos, são presunto.*

*A galeria aplaudiu; ouvindo estes applausos, João Penha rugiu ameaçadoramente:
«– Ah! não estás satisfeito?» e voltou á parede:*

*Acertou-te a pedra, e de arte
Que te fiz na testa um gallo,
E forcejas por vingar-te
Como se vingá um cavallo.*

Uma risada colossal fez estremecer a sala. Junqueiro empalidece e com a sua larga letra convulsionada escreveu:

*Dou-te um conselho, Oliveira,
Como estás com muita pressa,
Vai coser a borracheira
Meu menestrel de tripeça!*

O Homem do Gaz com uma ousadia nunca vista, estava na sala, esfregando as mãos radiante, no meio dos espectadores daquelle terrível duelo. João Penha rangia os dentes:

– *Menestrel de tripeça! Eu! Ó D. Bigorriha! e voltando-se para o Homem do Gaz: escreve! disse, e dictou:*

*Tinha ha muito um realejo,
Só me faltava um macaco,
Hoje tenho o que desejo
Heide mostrar-te a pataco...*

Na outra noute do duelo começou de novo, e com mais furioso impeto; mas o Homem do Gaz, passados dias, mandou cair rigorosamente as paredes para que não viessem extranhos, como ordinariamente vinham, de dia, lêr os versos, e profanal-os com o seu riso alvar. Foi a explicação dada pelo bondoso gigante. [...].

(1) *Uma injustiça feita ao sr. João Sousa Araujo, hoje redactor do Diario Illustrado, que sempre primou pela severa elegancia do seu vestuario.*

(2) *O nome todo do poeta é João Penha de Oliveira Fortuna.*

II. Eis o retrato dos protagonistas, na altura: João de Oliveira Penha Fortuna (*1839 †1919) e Abílio Manuel Guerra Junqueiro (*1850 †1923):



[Junqueiro, que vens de junco,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 59. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.^a ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 389. [1.^a ed. 1897]
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- *Almanach Illustrado do Diario da Tarde*, Porto: [s.n.]. Ano III (1903), p. 23.
Em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro, transcreve-se o poema, a partir d’ *A Renascença*.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 22 de junho de 1903, p. 2.
Gaspar da Silva transcreve este poema, em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro. Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 619 (23 de fevereiro de 1907), p. 2.
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 260.
António Cabral transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotas e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 250.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão publicada n’ *A Renascença*.
- Bettencourt-Rodrigues, *Por Estradas e Atalhos*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931, p. 44.
Trata-se de uma cópia das *Obras Completas*, de Gonçalves Crespo. Corresponde à versão publicada n’ *A Renascença*.
- António Cabral, *O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugalí, 1942, p. 52.

Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*.

- João Gaspar Simões, *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa: Ática, 1947. Vol. I, p. 432.

Gaspar Simões transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*.

- Lopes d'Oliveira, *Guerra Junqueiro: a Sua Vida e a Sua Obra*, vol. I, Lisboa: Edições Excelsior, 1954, p. 24.

Trata-se de uma transcrição d' *A Renascença*.

- Amorim de Carvalho (org.), *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 2.^a ed., Porto: Lello & Irmão Editores, 1974, p. 1043.

Trata-se de uma cópia d' *A Renascença*, mas com variantes de pontuação.

- Manuela de Azevedo, *Guerra Junqueiro: a Obra e o Homem*, Lisboa: Arcádia, 1981, p. 39.

Manuela de Azevedo transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*.

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 20.

Francisco Mangas transcreve este poema no prefácio à antologia. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*.

- Francisco Mangas, «A trilogia inspiradora de João Penha» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 120, n.º 333 (1 de dezembro de 1987), p. XXXVIII.

Francisco Mangas transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 31.

No prefácio à sua edição, Francisco Duarte Mangas transcreve este poema, a partir das *Obras* de Gonçalves Crespo.

- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, p. 30.

Trata-se de uma cópia da versão publicada por Gonçalves Crespo.

Anotação textual: emendas

1. junco,]; junco.

708

[Afinaste a veia chata]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 59. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 390. [1.ª ed. 1897]
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*, mas a introduzindo correção no último verso.
- *Almanach Illustrado do Diario da Tarde*, Porto: [s.n.]. Ano III (1903), p. 23.
Transcreve-se este poema, em artigo dedicado ao duelo de Penha e Junqueiro. Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 22 de junho de 1903, p. 2.
Gaspar da Silva transcreve este poema, em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro. Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 260.
António Cabral transcreve este poema, a partir do *Almanach Illustrado do Diario da Tarde*. Corresponde à versão publicada n’ *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 251.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão publicada n’ *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.
- Bettencourt-Rodrigues, *Por Estradas e Atalhos*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931, p. 45.
Introduz algumas variantes, na sua transcrição das *Obras Completas*, de Crespo.
- António Cabral, *O Talento e os Desvários de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugal, 1942, p. 53.

Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.

- João Gaspar Simões, *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa: Ática, 1947. Vol. I, p. 433.
Gaspar Simões transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.
- Lopes d'Oliveira, *Guerra Junqueiro: a Sua Vida e a Sua Obra*, vol. I, Lisboa: Edições Excelsior, 1954, p. 25.
Trata-se de uma cópia d' *A Renascença*.
- A. de Magalhães Basto, «Falam velhos manuscritos... Bernardino Machado, Gonçalves Crespo, João Penha e Junqueiro, Estudantes de Coimbra» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 91, n.º 8 (9 de janeiro de 1959), p. 3.
Magalhães Basto transcreve esta quadra d' *A Renascença*, para evocar o duelo de Penha e Junqueiro.
- Amorim de Carvalho (org.), *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 2.^a ed., Porto: Lello & Irmão Editores, 1974, p. 1044.
Trata-se de uma cópia d' *A Renascença*, mas com a correção do último verso.
- Manuela de Azevedo, *Guerra Junqueiro: a Obra e o Homem*, Lisboa: Arcádia, 1981, p. 40.
Manuela de Azevedo transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 21.
Francisco Mangas transcreve este poema no prefácio à antologia. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.
- Francisco Mangas, «A trilogia inspiradora de João Penha» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 120, n.º 333 (1 de dezembro de 1987), p. XXXVIII.
Francisco Mangas transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão publicada n' *A Renascença*, mas introduzindo a correção no último verso.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 32.
No prefácio à sua edição, Francisco Duarte Mangas transcreve este poema, a partir das *Obras* de Gonçalves Crespo.

Anotação textual: emendas

4. grunhir]; granhir

[Acertou-te a pedra, e de arte]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Órgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 59. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.^a ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 391. [1.^a ed. 1897]
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- *Almanach Illustrado do Diario da Tarde*, Porto: [s.n.]. Ano III (1903), p. 24.
Em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro, transcreve-se o poema, a partir d’ *A Renascença*.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 22 de junho de 1903, p. 2.
Gaspar da Silva transcreve este poema d’ *A Renascença*, em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro.
- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 619 (23 de fevereiro de 1907), p. 2.
Corresponde à versão d’ *A Renascença*, mas com falha de transcrição.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 261.
António Cabral transcreve este poema d’ *A Renascença*, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 251.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão d’ *A Renascença*.
- Bettencourt-Rodrigues, *Por Estradas e Atalhos*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931, p. 45.
Trata-se de uma transcrição das *Obras Completas*, de Crespo. Corresponde à versão d’ *A Renascença*.
- António Cabral, *O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugal, 1942, p. 53.

Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão d' *A Renascença*.

- João Gaspar Simões, *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa: Ática, 1947. Vol. I, p. 433.

Gaspar Simões transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão d' *A Renascença*, mas com pequena falha de transcrição.

- Lopes d'Oliveira, *Guerra Junqueiro: a Sua Vida e a Sua Obra*, vol. I, Lisboa: Edições Excelsior, 1954, p. 26.

Trata-se de uma transcrição d' *A Renascença*.

- Amorim de Carvalho (org.), *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 2.^a ed., Porto: Lello & Irmão Editores, 1974, p. 1044.

Trata-se de uma cópia d' *A Renascença*.

- Manuela de Azevedo, *Guerra Junqueiro: a Obra e o Homem*, Lisboa: Arcádia, 1981, p. 41.

Manuela de Azevedo transcreve este poema, para ilustrar o duelo entre Penha e Junqueiro. Corresponde à versão d' *A Renascença*, mas com pequena falha de transcrição.

710

[Tinha ha muito um realejo,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 59. Vd. descrição no n.º 7.

Crespo cita este poema, no artigo que dedica a Penha, em julho de 1878.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.^a ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 391. [1.^a ed. 1897]
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 22 de junho de 1903, p. 2.
Gaspar da Silva transcreve este poema d’ *A Renascença*, em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 261.
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 252.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão d’ *A Renascença*.
- Bettencourt-Rodrigues, *Por Estradas e Atalhos*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931, p. 45.
Trata-se de uma transcrição das *Obras Completas*, de Crespo.
- António Cabral, *O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugália, 1942, p. 54.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão d’ *A Renascença*.
- João Gaspar Simões, *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa: Ática, 1947. Vol. I, p. 434.
Corresponde à versão d’ *A Renascença*.
- Lopes d’Oliveira, *Guerra Junqueiro: a Sua Vida e a Sua Obra*, vol. I, Lisboa: Edições Excelsior, 1954, p. 24.
É uma transcrição d’ *A Renascença*, mas com variantes de pontuação.

- Manuela de Azevedo, *Guerra Junqueiro: a Obra e o Homem*, Lisboa: Arcádia, 1981, p. 41.
Corresponde à versão d' *A Renascença*.

Anotação textual: emendas

3. desejo,]; desejo

[Foi um incendio voraz]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 259. Vd. descrição no n.º 686.

Neste livro, António Cabral inclui algumas memórias sobre o ambiente académico vivido por Eça de Queirós, transcrevendo vários epigramas que correram entre os estudantes.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 249.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*.

Anotação textual: emendas

4. «porra»!]; ...

Arquivo documental

Sobre esta quadra, que circulou pela Academia coimbrã, esclarece António Cabral (vd. *supra* testemunho A):

Tornou-se celebre, em Coimbra, aquella quadra, que João Penha dedicou a um incendio, que se ateou em casa das respeitaveis senhoras Seixas, na Couraça de Lisboa, onde elle sempre morou, tendo como companheiro Gonçalves Crespo – outro poeta fulgurante – e como vizinho fronteiro o lente de Direito, Doutor Adrião Forjaz [...]

Não sei, ou não me lembra, o que o Doutor Forjaz, pessoa correctissima na apresentação e na phrase, disse á familia. Talvez não fôsse coisa boa... O que sei é que o incendio não teve importancia, mas João Penha, para obter do irmão, o bondosissimo dr. Manoel d'Oliveira Penha Fortuna – que o poeta dizia, com graça, ter um só defeito: ser irmão d'elle – algum dinheiro para a pandega pacata, compoz aquella quadra, para lhe suscitar e incutir o pavor do sinistro.

712

[Que musica tão bella!]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – Trindade Coelho, *In illo Tempore: Estudantes, Lentes e Futricas*, Lisboa: Aillaud & C.^a, 1902, p. 315. Vd. descrição no n.º 690.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotas e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 123.
António Cabral transcreve esta quadra, a partir do livro de Trindade Coelho.
- António Cabral, *O Talento e os Desvários de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugália, 1942, p. 41.
Trata-se de uma cópia do livro *Tempos de Coimbra*. Corresponde à versão publicada por Trindade Coelho.

Arquivo documental

Sobre o contexto que ditou a composição desta quadra, esclarece Trindade Coelho (vd. *supra* testemunho A, pp. 300, 314-315):

A RÉCITA DOS QUINTANISTAS

In illo tempore – no tempo em que eu andava em Coimbra, ainda a «récita dos quintannistas» (chamada também «de despedida»), era coisa de se lhe tirar o chapéu! Mais ou menos, as peças ainda cheiravam todas á Fabia, – a immortal Fabia de Francisco Palha, que é a avó de todas as farças engraçadas que teem feito rir, ha meio seculo, as plateias da Lusa-Athenas! [...]

A Fabia era o salvaterio! Curso que não tivesse essa peça original, representava a Fabia; e até o proprio curso de João Penha, que tinha bohemios de primeira ordem, levou a Fabia! «Casa de ferreiro, espeto de pau!»

Mas a Fabia, nêsse anno, mettia os melhores bocados de musica de todas as operas, com versos de João Penha e Guerra Junqueiro, – e a partitura era do quintanista Tojeiro, que regia a orchestra. Fizeram então de bailarinos o Francisco Maria Veiga (o «Juiz Veiga!» que tinha ao tempo 20 annos e meio), e o Victorino Peres, agora advogado em Penella, ambos baixinhos; e de bailarina, o maior tragalhadaças que havia no curso, – um Velloso, muito alto, que era de Faro.

Por signal que as danças não tinham sido ensaiadas; e quando o imperador, a paginas tantas do 3.º acto, pedia os bailados, ahi surdiam os tres dos bastidores, – e

agora os vereis! Cada um saltava o mais que podia, e como queria, – os dançarinos de pandeireta, e de castalholas a bailarina; e no fim, o Veiga e o Peres cahiam «de joelho em terra» á bocca do palco, e em cima d'elles, muito dengosa e desageitada, a bailarina! Eram ovações estrepitosas, – e o «bailado» repetia-se sempre!

Ensaaiador, esse anno, o D. Affonso de Serpa, actual Marquez de Gouveia. Principaes interpretes: Pessanha; Netto Parra (que imitava com a bocca uma infinidade de passaros e de quadrupedes, e tambem varios instrumentos, incluindo a gaita-de-folles!); João Taborda de Magalhães, que fez o papel de Cesar; Cupertino; etc., etc. D'um dueto de Parra e Cupertino, extasiados ouvindo ao longe a voz da mulher amada, esta quadra de João Penha [...].

António Cabral (*O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugália, 1942, pp. 40-41) acrescenta:

[...] O curso do eminente poeta, em récita de despedida, levou à cena, a Fabia, de Francisco Palha, talvez por influência do parente dêste, o quintanista Fernando Palha. [...] Os quintanistas Guerra Junqueiro e João Penha, ambos altíssimos poetas, escreveram para a composi o burlesca de Francisco Palha, versos musicais, hoje, infelizmente, perdidos para sempre. Nem escapou, sequer, ao sumiço o Sermão do Trono, escrito em verso por Guerra Junqueiro e recitado pelo Imperador Anibal. De tôdas essas poesias zombeteiras, salvou-se apenas, que eu saiba, uma quadra de João Penha, comentário alegre a um duetto da farsa. [...]

713

[Epitaphio do Homem do Gaz]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunho direto*

A – ADB, Ms. 540, p. 79. Vd. descrição no n.º 128.

Na margem esquerda da página, lê-se a seguinte indicação apógrafo: “Inédito”.

1.2. *Testemunhos indiretos*

Há dois testemunhos baseados em cópias que correram pela Academia:

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Órgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 60. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878.

C – Sergio de Castro, «Uma hora com o poeta João Penha» in *O Seculo: Revista Litteraria, Scientifica e Artistica* (dir. Eduardo Schwabach Lucci), Lisboa: [s.n.], n.º 59 (12 de outubro de 1903), p. 3. Vd. descrição no n.º 284.

Sergio de Castro evoca neste artigo algumas lembranças coimbrãs, a propósito de um reencontro com João Penha.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 395. [1.ª ed. 1897]

Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.

- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 22 de junho de 1903, p. 2. Gaspar da Silva transcreve este poema d’ *A Renascença*, em artigo dedicado ao famoso duelo entre Penha e Junqueiro.
- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 262. António Cabral transcreve este poema d’ *A Renascença*, aludindo ao duelo com Junqueiro.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 252. Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão d’ *A Renascença*.

- *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.]. Ano 104 (1972), n.º 284 (15 de outubro). Suplemento “domingo”, p. 5.
Em artigo dedicado a “João Penha e Guerra Junqueiro no ‘Homem do Gás’”, João Gaspar Simões cita este poema, a partir d’ *A Renascença*.
- António Cabral, *O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugália, 1942, p. 55.
Trata-se de uma cópia do livro *Camillo e Eça de Queiroz*. Corresponde à versão d’ *A Renascença*.

Aparato das variantes

Título. Epitaphio do Homem do Gaz] Epitaphio B □ C

1. Eil-o aqui jaz, aqui jaz] N’esta humilde campa fria C
2. N’esta humilde campa fria] Eil-o aqui jaz, aqui jaz C
3. *Segue-se em C um intervalo interestrófico.*
6. *Segue-se em C um intervalo interestrófico.*
7. *Segue-se em C um intervalo interestrófico.*
8. fria,] fria C
9. jaz, aqui jaz!] jaz, aqui jaz C
Acrece em C o seguinte verso final:
O nosso velho rapaz!

Arquivo documental

Gonçalves Crespo (vd. *supra* testemunho B) contextualiza a privilegiada relação de João Penha com o taberneiro coimbrão a quem dedica este epitáfio:

[...] *João Penha dominava este colosso do Homem do Gaz, como um cornac domina um elefante. Fêl-o passar, gradualmente, de patuleia ingenuo e inconsciente a republicano, de republicano a socialista, de socialista a petroleiro, de petroleiro a atheu. [...]*

Ah, quando este bom gigante do Homem do Gaz viu numa triste hora o destino separar todos estes rapazes, tão cheios de entusiasmo, de alegria e de jovialidade, quando os viu partir para a magistratura, para o magisterio, para a politica, para a vida da familia, deixou-se vencer de uma grande melancolia, e passado um anno depois da dispersão do cenaculo, cahiu na cama, e rebentou... de saudades...

Dous dias depois escrevia-nos João Penha, de Braga, e enviava-nos o seguinte | EPITAPHIO [...]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.1. *Testemunhos diretos*

A – *O Jornal: Diário Político, Litterario e Noticioso* (ed. Antonio Maria da Luz Oliveira), Lisboa: [s.n.]. N.º 386 (17 de maio de 1903), p. 1.

Este diário publicou-se em formato grande, entre 1902 e 1903. O poema de João Penha sucede ao anúncio publicado no número anterior (vd. *infra* Arquivo documental), conforme se esclarece em nota introdutória:

Eis a formosissima e inspirada poesia escripta por João Penha, o purissimo poeta, para o jantar dos seus condiscipulos, e a que promettemos dar como inextimavel mimo aos nossos leitores.

B – BPMP, M-AF-1167.

Este testemunho, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por um bifólio em cartolina, com 44 x 25,2 cm. No f. 1r aparece impresso o poema de João Penha, juntamente com uma ilustração alusiva ao trigésimo aniversário da formatura em Direito: 1873-1903. No verso da folha, encontra-se a missiva manuscrita de um condiscípulo do poeta, datada de 16 de maio de 1903 (vd. *infra* Arquivo documental), enquanto o f. 2r exhibe a ementa do banquete, intitulada “30 annos depois”. No verso, onde figuram ilustrações de Coimbra, encontramos uma nota de Antero de Figueiredo, relativa à sua coleção: “Vários papeis de João Penha. Alguns são do tempo da ‘A Folha’. A. de F.”

C – ADB, Ms. 541, pp. 48-49. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo da p. 48, lê-se a indicação apógrafo: “Inedito”, podendo ainda encontrar-se, no final da p. 49, a seguinte nota do autor:

Para o menu do banquete do curso de 1873, realizado em Coimbra, em 1903. A esse curso pertenceu o autor.

Anotação textual: emendas

11. dizia,] B; dizia

Aparato genético

- Título.* □ A 18 de maio de 1903 B Quadras C
2. cidade A cidade, BC
 4. saudade A saudade, BC
 5. serios A sérios, BC
 6. doutores A doutores, BC
 7. imperios A imperios, BC
 8. emores! A amores! BC
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
 9. Mas A Mas, BC
 10. ámanhã, A ámanhã. B ámanhã. C
 11. dizia A dizia, B dizia C
 12. cã. A cã, BC
 13. todos de taça erguida A todos de taça erguida, B todos, de taça erguida, C
 14. Em larga expansão fraterna A Em longa expansão fraterna, B Em larga expansão fraterna, C
 16. /mundos *italico*/ A mundos BC

Arquivo documental

I. Este poema responde a uma solicitação de Victorino Peres Furtado Galvão, em carta datada de 9 de maio de 1903 (vd. Arquivo documental II do poema n.º 245). Foi composto para figurar na pasta distribuída durante um encontro que se organizou em Coimbra, comemorando o trigésimo aniversário de formatura de João Penha e seus condiscípulos. O banquete, realizado a 18 de maio de 1903, não contou com a presença do poeta, como se depreende da missiva que acompanha o testemunho A:

João

Recebi, mil agradecimentos á tua demonstração de sincera amizade. Escrever-te-hei com vagar; agora não, que sou todo dos nossos, que já aqui estão; os ainda não vindos e os que ficão estão no meu espirito.

Ahi vae a amostra da nossa lista. Serás tu o primeiro que a possues, os outros só no proprio dia.

teu

ex corde

C.^a = 16-5-903.

/ Jo. Paiva/*

II. Na verdade, também *O Jornal* faz o seguinte anúncio, no n.º 384 (de 15 de maio de 1903):

O nosso querido amigo, sr. dr. Almeida Serra, escreve-nos a carta que em seguida transcrevemos. Agradecemos penhorados a s. ex.^a a gentileza da sua carta, onde ressalta tão nitida a nota de saudade pelos tempos em que os cabellos brancos de hoje tinham a

côr de azeviche, em que a formosura das tricanas enchia de alegres sonhos a sua phantasia de 20 annos, bem como a offerta da formosissima poesia d'esse grande poeta que se chama João Penha, e que tão grande nôme deixou na lenda Coimbrã. Accedendo á sua indicação, publicaremos os inspirados versos no nosso numero de domingo. Segue-se a carta do sr. dr. Almeida Serra:

Meu querido amigo:

Vou hoje para Coimbra tratar de ultimar os preparativos para a festa dos Bachareis de Direito de 1873. São já 30 os fallecidos, restando portanto 58 que nem todos podem reunir, uns por doença, outros por diversos motivos mais ou menos justificados. Só um recebeu a ideia da reunião com desprezo e deixa de ir por... se não incommodar. Ainda assim contamos com um numero superior a quarenta.

O Dr. João Penha está soffrendo de um entorse e não vae por esse motivo, mas mandou as quadras que lhe remetto para serem impressas no verso do menú.

Se quizer pode publical-as, mas sómente no Jornal de domingo. É o Jornal o unico que as tem, porque foi tambem o primeiro que deu noticia da nossa festa de velhos, que vão chorar saudades onde se gosaram as alegrias dos 25 annos.

Adeus até á volta e disponha.

Do seu collega e amigo

Almeida Serra

715

[As duas meninas pandegas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 8 de junho de 1903, p. 2.

Fundado em 1875, como *A Província de São Paulo*, este diário adotou o título atual, a partir da Proclamação da República (31 de dezembro de 1889). Era redigido por grandes nomes do jornalismo brasileiro, publicando-se na altura em formato grande, de dez colunas.

A partir de Lisboa, Gaspar da Silva enviou este poema ao jornal brasileiro, para ser publicado na rubrica “A vida portuguesa”.

Anotação textual: emendas

4. avarias.]; avarias

Arquivo documental

Sobre o contexto que rodeou a composição desta quadra, esclarece Boaventura Gaspar da Silva Costa Barbosa (*1855 †1910), antigo companheiro de estudos de João Penha (vd. *supra* testemunho A):

Uma quadra de João Penha.

Na última época... apareceu na Povoia de Varzim duas moças alegres, que pareciam irmãs. Iam a todos os divertimentos, riam para todo mundo, namoravam a torto e a direito, tinham ditos picantes: chamaram-lhe as duas meninas pandegas.

João Penha o poeta do vinho e fel, o domador valente da rima e do soneto português, como lhe chamou Gonçalves Crespo, é habitue da praia da Povoia. Não lhe passavam despercebidas as buliçosas meninas pandegas e, tendo-as observado através do seu monóculo, desfechou-lhe esta seta ervada.

[...]

716

[Esse Antão, segundo dizes,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*1.2. *Testemunho indireto*

A – *Novidades* (dir. Hygino Mendonça), Lisboa: [s.n.]. Ano XXVII, n.º 8416 (21 de fevereiro de 1912), p. 1. Vd. descrição no n.º 703.

Este poema foi transcrito a partir de um bilhete-postal que João Penha enviara a José Joaquim Pinto Lambaça (vd. *infra*).

Arquivo documental

Este poema foi inscrito num bilhete-postal que João Penha remeteu ao antigo companheiro José Joaquim Pinto Lambaça, aparecendo depois reproduzido nas páginas do jornal *Novidades* (vd. *supra* testemunho A):

Lambaça
Uma carta e duas quadras de João Penha
ao antigo juiz da Regoa

Acabamos de receber um bilhete postal impresso com a seguinte carta, que João Penha enviou ao sr. Pinto Lambaça, antigo juiz da Regoa:

Meu caro

Inutil é dizer-te que tenho lido com a maior satisfação as tuas catilnarias ao Antão: és valente que dás pancada de cêgo e com tudo o homem não dá por burro nem por albarda. O caso merece verso e por isso eil-o ahí vae:

Esse Antão, segundo dizes,
É garoto de assobio!
Mas cautela! não lhe pises
O rabo de cão vadio.

Bem sei que nada receia
Esse teu punho: um cipó;
Mas ao burro que escouceia
O que se lhe diz é: chó.

Teu do coração
João Penha.
Braga, 7-II-12.

A catilnária a que se refere João Penha foi impressa sob a forma de panfleto, a 1 de janeiro de 1912:

José Joaquim Pinto Lambaça, *A Malandragem de M Grande a Governar a Regoa: a Liquidação do Dr. Antão como Character ou antes por falta de Character*, Resende: Typ. Marcoense, 1912. (< <http://purl.pt/4290/1/> >)

A MALANDRAGEM DE M GRANDE A GOVERNAR A REGOA

A liquidação do Dr. Antão como character ou antes por falta de character

Está aberta a syndicança que foi decretada aos meus actos de Juiz. O meritissimo Juiz Syndicante já convidou por edital os habitantes da comarca da Regoa a que se lhe apresente quem tiver razão de queixa ou agravo contra mim. Eu estendo o convite para todo o paiz em geral e em particular para os habitantes das comarcas em que tenho sido Juiz, e são ellas Bragança em que fui Juiz do Tribunal Administrativo, Vinhaes, Arrayollos, Figueira de C. Rodrigo, Mont' Alegre, se bem que nesta comarca apenas tomei posse me retirei, Moncorvo, Horta, em que apenas tomei posse e Certã. O snr. Juiz Syndicante certamente se refere aos meus actos como Juiz, e eu quero que ella se estenda aos meus actos como particular.

Não sei o que tenho a esperar do sr. Juiz Syndicante, tudo de bom pelo seu respeitabilissimo character e levantada posição como é o de um desembargador da Relação, e nada de bom se o fosse a apreciar pelas suas entradas na comarca. Permittiu-se S. Ex.^a nomear para seu secretario o sr. João da Silva Bonifacio. Se S. Ex.^a tivesse elfato apurado devia ter notado o cheiro das mãos que lhe deviam cheirar a sardinha como sardineiro ou vareiro que é, e devia-o ter engeitado pela simples consideração de que lhe pode manchar o processo ou pelo menos dar-lhe o cheiro a sardinha, que é a unica cousa que a sardinha tem de mau.

Não se pense que eu queira amesquinhar S. Ex.^a por ser sardineiro, que bem pelo contrario respeito todo o trabalho honesto e não sou fidalgo e bem pelo contrario sou filho de pais tão humildes como honrados; mas é que um sardineiro não pôde ser escrivão, nem um escrivão pôde ser bom sardineiro. Mas é que o sr. Juiz Syndicante devia suspeitar de todos; e se devia suspeitar de todos em uma syndicança aberta contra o Juiz de uma comarca, devia ter esta suspeita em uma comarca como a da Regoa, em que ha uma separação radical entre malandros e pessoas de bem. Os que são malandros são malandros a valer, os que são pessoas de bem tem uma nobreza de character que nada deixam a desejar. E a base desta distincção não é a riqueza. Ha gente honrada na classe dos pobres, como ha malandros nos remedios e mesmo nos ricos. Não sei a que classe pertence o snr. Bonifacio João ou João Bonifacio. O que sei é que me é suspeito porque é um apaixonado do Antão, mais Antão que o proprio Antão, que foi um dos que mais estimulou o Antão a que me puzesse fóra de Juiz e por isso um dos que mais concorreu para a desgraça que o espera, e apenas lhe deu assumpto para se estreiar como senador já que não teve estreia nas Constituintes senão a de dizer: DOMINUS TECUM a um espirro do sr. Dr. Affonso Costa antes de o ter atraído na eleição do Presidente da Republica, a respeito da qual já se tinha manifestado na Regoa, dizendo que havia de votar no que vencesse. Certamente não foi discipulo do respeitavel Ayres de Gouveia, que ao fechar a aula do 5.^o anno e na despedida que fazia ao curso não se esquecia de dizer-lhes: sede honrados ainda que não seja senão por conveniencia. O sr. Bonifacio é-me suspeito e devia ter o snr. Juiz Syndicante o cuidado de se ter feito acompanhar de um escrivão estranho á comarca. Nem confio em todos os escrivães da comarca e nisso não me refiro nem ao snr. Villeia, nem ao sr. Carneiro, nem ao sr. Branquinho, nem ao seu ajudante Camilo Guedes, que são todos é de um respeitavel character e que d'aqui cumprimento com muito affecto.

Com nenhum destes escrivães se daria a suspeição que deduziram contra mim, e de que o Dr. Antão só tirou o resultado de mostrar o que era de parvo e de vão.

Na sentença limitou-se a absolver o réu e a fazer em favor do réu convicto do crime, um discurso mais sendeiro e mais apaixonado do que se fosse advogado; na sustentação da sentença ou agravo que dictou ao tal sardineiro que também já se sentou no logar ou cadeira de Juiz, fez uma figura ridicula em si e muito mais confrontando-a com a minuta do meu illustre e sympathico collega e amigo Dr. Costa Pinto, que brilhantemente sustentou as honrosas e gloriosas tradições de seu pae, o querido e nunca esquecido Dr. Manuel da Costa Pinto, que apesar de ter fallecido ha annos é ainda hoje apontado como uma das glorias do fóro portuguez e um caracter de melhor agua. O Dr. Antão perde muito com o confronto com o Ex.^{mo} Dr. Costa Pinto, a quem d'aqui cumprimento como um de meus melhores amigos. Coitado do Antão. Que ideia elle liga ao que é ser Juiz! Bem lho disse o sr. Dr. Costa Pinto como Delegado que era que o sr. Dr. Antão não poderia subtrahir se áquella atmosphera que respirava suspeição por todos os póros nem guindar se ás alturas de Juiz. Esta resposta incommodou S. Ex.^a e tanto que disse pela bocca do sardineiro que podia fazer riscar as phrases que o incomodavam, e não se lembrou o desgraçado que em recurso que esteja affecto aos Tribunaes Superiores, são est-s e não o Juiz recorrido que tem essa competencia. Com esta sendice livrou-se de responder á argumtitação serrada do sr. Dr. Costa Pinto. Coitado do Antão. E' caso para repetir os versos, parece-me que do poeta Guerra Junqueiro: COITADO DO CRUZ COITADO COITADO DO CRUZ OGUTINHO, DAI-LHE BIFES, DAI-LHE VINHO, DAI LHE PAASSEIOS PELO MINHO.....

Officiei ao sr. Juiz Syndicante dizendo-lhe que sem me querer intrometter nas suas funções, mas no uso de um segrado direito que é concedido a todo o réu de fiscalisar o processo que lhe diga respeito averhava de suspeito o snr. João Bonifacio pelos fundamentos que deixo apontados Não sei o que S. Ex.^a tenha feito.

Pouco ou nada me preoccupa com isso. Alem de que não faço questão de ser Juiz na Regoa ou em outra comarca ainda que seja Braga, Barcellos, Coimbra, Porto outras que tales, e nem mesmo me preoccupa em ser ou deixar de ser Juiz, a syndicancia não pôde dar nada senão a exanctoração de Dr. Antão. Tem o vicio de origem. Quem me denunciou foi Dr. Antão, e não se pôde dizer d'elle o que em latim se disse de um typo qualquer: ADEO VERITATIS DILIGENS ERAT, UT NEQUE JOCO MENTIRETUR, que em bom portuguez quer dizer: era tão amigo da verdade que nem mesmo a brincar mentia. O Antão mente a rir, mente a serio, mente acordado, mente a dormir, mente como mero particular, mente como advogado, mente como Juiz que tem sido com este systema novo de substituições dos Juizes, que tem o defeito de poder sentar se na cadeira de Juiz um sardineiro, e mente até como Senador envergonhando a gente honestissima e de gravidade como pede a Camara Alta, que tem a infelicidade de ter tal typo por collega, Monte de todo o modo. Falta lhe ser zanaga ou vésgo para poder mentir mesmo que estivesse calado, porque olhava para um e pareceria olhar para outro. Elle não tem só a do brilhante negro que diz ter e que não tem, que allumis um comboio como se fosse um foco electrico de mil velas. Tem muitas tem nas todas porque, como vulgarmente se diz: cahe-lhe um braço quando disser uma verdade, e quem reparar bem vê que elle tem os braços aubos. Para eu ser um bom juiz, basta que elle diga que sou mau. E já d'aqui digo aos meus amigos que os não dou por testemunhas porque não produzo testemunha na-

nhuma. Não caio na baixeza de responder aos artigos de accusação. O sr. Juiz Syndicante, se me não conhece, que não conhecerá por ter estado nas provincias ultramarinas, que se informe com toda a gente que não sejam os malandros da Regoa, e com os seus proprios collegas da Relação, começando pelo nobre presidente e que lhe digam as impressões que tem de mim.

O sr. Juiz Syndicante que faça o seu relatorio e que o apresente ao sr. Ministro da justiça ou a quem quer que tenha de me julgar, que eu apresentarei o meu á Imprensa, que é o mais imparcial e o mais justo dos tribunaes.

Quem não deve não teme. Para em tudo mentir mandou um malandro como elle a avisar-me na manhã de quinta feira dia 20 do proximo dezembro de que Dr. Antão tinha auctorisação superior de me fazer prender como conspirador, e que me prendiam ao entrar para o tribunal aonde tinha de ir fazer audiencia.

E eu acreditei-o apesar de ser creatura do Antão, por me dever favores para mais.

A mim repugnou me sempre fugir e nunca isso me aconteceu. Veiu-me á lembrança que o governo nunca tinha tido taes violencias com Juizes, que estava innocente de tal crime, e outras cousas. Mas coincidiu com a prisão despotica e arbitraria que na vespera á noite tinham feito de 3 meus amigos innocentes como a innocencia, veiu-me á lembrança a prisão um dos homens dos mais importantes do paiz que vale um governo, Jose de Azevedo C. Branco, de character pacifico, cuja innocencia está reconhecida e que apesar disso se acha na penitenciaria de Coimbra, privado da luz do sol e de sua familia que estremece. Veiu-me á lembrança os insultos soezes e canivães com que tem sido mimosados homens de maior cotação que um Juiz e tão importantes como innocentes. Aterrei-me com a lembrança de que fosse coberto de escarros do repugnante Dr. Antão e sobre tudo receei por meus amigos que de certo tentavam livrar-me desses bandidos. O resultado de tal tentativa não podia ser outra senão serem espingardeados pela traps e eu mimoseado com mais algumas coronhadas alem das que Antão me tivesse receitado. Acudiu-me tudo isso de relance á imaginação, aterrei-me e fugi e por feliz me dei quando me vi fóra do alcance dessas bandidos, gozando deliciosamente a luz da liberdade e o lindo panorama que se goza na estrada que atraves de serras vai de Lamego a Rezende sobre o Douro que então corria tão preguiçoso como eu apressado para me encontrar com minha mulher e com uma filha que Deus me havia concedido ha duas para trez semanas. Os meus amigos censuraram-me essa cobardia e eu tambem me não gabo da proeza. E tem razão porque com a minha fugida tomou conta da vara da justiça o maior malandro destes reinos e nesse mesmo dia e nessa mesma audiencia sem que ninguem o houvesse investido nesse poder, mas simplesmente por amor á comarca, cuja autonomia corria risco senão houvesse audiencia, passou as suas attribuições de contador para um typo qualquer que não conheço, mas que deve ser um malandro, demittiu de delegado interino o respeitavel Costa Pinto e substituiu-o por outro da mesma data, comprou quatro malandros absolvendo-os, comprou um sr. Marinheira com a promessa de absolvição de um crime repugnante em que está envolvido com um irmão, e poz a vara da justiça a serviço de seus maus instinctos e do sr. Mathias e do sr. Francisco Lopes e outros muitos do mesmo juez e feito. E'

caso para se poder dizer que está a comarca da Regoa a saque, e não ha duvida que os que tem que perder estão aterrados e é caso para isso porque está o poder judiciario de mãos dadas com o administrativo, e ambos elles tem a guardar-lhes as costas uma tropa indisciplinada ás ordens do sr. administrador Correia, que, diga-se em abono de verdade, é homem cordato, prudente e sensato, que offerece algumas garantias de ordem e que para mim tem apenas o defeito de ter de receber e cumprir as ordens do Dr. Antão e Mirandella. E no entanto pôds dizer-se que na Regoa não ha thalassas na significação que os malandros lhe attribuem. Foi a comarca onde a republica foi recebida mais festivamente e com verdadeiro entusiasmo. O que não esiao é para aturar porque não podem, o Pic-manich do Antão e seus sequazes, que são uns puros bandidos capazes de fazerem um saque e já teriam feito se as pessoas de bem não tivessem creados e empregados e pessoas suas dependentes de si que põem os malandros em memoria e que são ainda vivos porque tem tido a tropa a defende-los. E' caso para exclamar: acuda aqui, sr. Presidente da Republica! acuda aqui sr. Ministro da Justiça e sr. Ministro do Interior! E se forem surdos a estes gritos gritar pelo Papa ou pelo Diabo que seja, que lhes garanta as suas pessoas e os seus bens.

A indisposição que o Antão arranjou comigo foi toda ao ficticia,

Não tinha comigo indisposição nenhuma nem particular, nem politica. Não as tinha politica porque tive sempre o mais sincero zelo pelo prestigio das Instituições republicanas. Está isso no meu character. Paz sempre de parte a politica para cumprir o meu dever e o dever de um Juiz, um dever sagrado é respeitar as Instituições vigentes sejam ellas quaes forem. Prenda com isso a sentença que dei contra um tal Monteiro, que mereceu da parte do nobro Presidente da Relação uma advertencia tão justa como delicada, e que apenas mostra os sentimentos humanitarios de S. Ex.^a Foi o caso que o sr. administrador do concelho quiz prender o Monteiro fóra da flagrante e levou essa vontade a fazer-lhe cercar de tropa a sua casa toda uma noite. O pae do Monteiro, que somos amigos, dirigiu-se-me perguntando-me se o administrador o podia prender e sem que eu lhe dêsse resposta, disse-me que se me queixava se elle o prendesse. Em vista de tal attude, dirig-me ao administrador e disse-lhe: não prenda o homem que elle queixa se-me e eu tenho de o processar por crime de abuso de auctoridade — E tem você coragem para processar um administrador da Republica?—Não posso dizer-lhe o que farei, digo-lhe simplesmente que sou Juiz POR ORA e que enquanto o for hei de cumprir o meu dever. Se o quer na cadeia não tenha pressa que para lá lh'o mando. Foi para dar prestigio ao administrador e salvá-o do fiasco de o querer prender que o tratei com aquella crueldade, que alguém conhece, que dar-lhe cadeia dava-lh'a sempre, apesar de ser amigo delle como ainda sou e da familia por que souberam comprehender que se o condemnei não foi por gosto mas em cumprimento de meu dever.

Indisposições particulares não tinha, porque ha bem pouco lhe tinha feito este favor:

Tractou Dr. Antão uma questão em que era seu constituinte o Ex.^{mo} Dr. José Vasques Osorio de Almeida, homem rico que tem proximate 800 contos. Quiz o Antão levar-lhe ou spanhar-lhe uma quantia fabulosa que aquelle senhor lhe recusou pela simples consideração de ver n'aquella sua exigencia um verdadeiro roubo a que dão um outro nome, porque esse é um cavalheiro muito generoso e condescendente. Espalhou Dr. Antão o seu intento de o demandar, mas lá desconfiou que eu escolhesse para arbitro

de desempate um homem sério e tractou de se acercar de mim e sonfar-me e tudo era dizer-me: o Affonso—não augmentava Costa para mostrar que tinha com S. Ex.^a uma intimidade que nunca teve— disse isto, o Paulo Falcão disse-me squillo, deixando cahir palavras que me indicassem o que eu tinha a esperar de bom ou de mau, conforme o tratasse bem ou mal. E disse isto tanta vez e em tantos dias até que me enfastiei da triste figura que andava a fazer deante de mim; que lhe disse: Deixe-as lá de Affonso e de Paulos, que não vêm para aqui para nada. Nem esses senhores querem saber disso, e que quizessem não me importava disso.

Se tem qualquer favor a pedir-me como particular, faço lh'o com o seu pedido, que sou seu amigo. Disse-me elle: effectivamente quero. Queria que me arranjasse uma composição com o Dr. José Vasques—Estou assuas ordens logo que desça dessas alturas em que se poz—sim senhor! Faça como dictar a sua generosidade você já foi advogado, deve ser pela classe. Fui quasi a seguir ter com o sr. Dr. José Vasques, a quem disse: V. Ex.^a tem de ser roubado pelo Antão, e vale mais comprar o seu socego seja pelo que for. Quem tem dezenas e centenas de contos como V. Ex.^a tem, tanto é com mais meia duxia de contos como sem elles. Não lhe occulto que elle está de peor partido que V. Ex.^a por que lhe nomeio para desempate um arbitro sério que não proteja ladrocinhas—Quer que me componha cominho-me, e diga lá o que quer que lhe dê—Quero que lhe inteire dois contos com o que elle lá tem. Abriu o cofre, contou o dinheiro que lhe faltava, que fui immediatamente entregar ao Antão, que ficou espantado e boquiaberto não acreditando no que via, abraçou-me effusivamente e até me beijaria senão soubesse que eu não recebia beijos senão de mulheres e essas mesmas não hão-de ser feias de todo.

O motivo da sua indisposição comigo é outro. Dr. Antão, desde principio do inventario do benemerito José Gallago, lançou olhos cubicosos a essa importante fortuna e tem lhe feito mais que um assalto. O 1.^o assalto deu lh'o no requerimento em nome do dignissimo Provedor do Hospital, mas inspirado por elle, que todos tem feito o que elle tem querido, para que o mesmo provedor tomasse conta das dezenas de contos que estavam liquidados e que fosse dispensado entrar com elles na Caixa Geral dos Depositos. A respeito disso tentaram subornar-me a mim e ao sr. Delegado de então Dr. Alfredo Campilho que é hoje meu dignissimo e distincto collega Juiz de Murça.

Não nos offereceram propria e claramente dinheiro, mas dissimularam que com isso nos não queriam prejudicar e repetiram isso por muitas vezes e em diferentes dias. Certamente esperavam que lhes perguntássemos o modo porque nos haviam de indemnisar e se lh'o perguntássemos, com certeza não se desaviavam no quantitativo da indemnização porque aquillo chegava para todos e crescia ainda.

Fingimos que não percebemos e rimos-nos um com o outro e não passaram d'ahi. Não foi só então que figurava nesse assalto, mas com certeza não entrava no jogo o Ex.^{mo} Provedor Morgado do Espirito Santo que quasi em seguida se despediu de Provedor, nem tão pouco o sr. Anjos Borges que lhe succedeu. Quando se fez essa petição fui abordado por diferentes pessoas que me pediram que desforissse esse requerimento pois lhes estava promettido, a um dez contos, a outro 8, a outro 5 e 4 etc. Era roupa de francezes.

O 2.º assalto foi a petição que me fizeram que lhe fosse concedido o levantamento desse dinheiro que era para com elle fazer uma operação com a mesma Caixa Geral que era mais vantajosa para a herança. Disse-lhe que sim, que confiava na promessa de fazerem essa operação com tanto que o dinheiro lhes não fosse á mão, que depois não havia meio de lh'o arrancar se elles por qualquer motivo não pudessem cumprir a promessa.

O 3.º assalto e assalto mortal é este. Estende o Antão que pondo-me fóra de Juiz da Regoa, cabe a vara do Juiz no 2.º substituto por ser elle advogado no inventario. Combinados ambos adeus dinheiro do José Gallego, adeus hospício, adeus sino do senhor do cruzeiro, adeus capella e adeus Antão e Mandella que tem ambos de ir para a Penitenciaria.

Está morto o Homem, está estatelado. Agora enterram-no se a terra o consentir em si. Morreu impudente, não quiz os dias da oratorio porque teve a vaidade de querer morrer livre pensador, ao que não ligava a minima ideia.

Esta linguagem é um pouco pamphletaria, que é essa a minha imprensa usual. Os jornaes respeitam muito as conveniencias sociaes e eu tambem as respeito mas só até ao ponto em que esse respeito não se confunda com cobardia.

Tentei os jornsas, mas falharam-me. Começou por me falar a «A Folha Nova» apesar de me ter convidado para lá escrever.

Fui um pouco impertinente e até talvez injusto para com S. Ex.ª do que peço perdão.

Devo-lhe o favor de umas referencias lisongeiras. Reletem-me esta linguagem por vezes virulenta de quem não está costumado a ser jornalista. Tenho radicado em mim o espirito de justiça, que não pode supportar despotismos sejam elles exercidos contra quem for. Temos tido em Rezende Juizes dignissimos, taes como Queiroz, que morreu desembargador; Eduardo José Coelho, Gouveia Osorio, o Juiz actual Dr. Bernardo de Souza Brito e Dr. Joaquim da Cruz Capello, que menciono em ultimo lugar não porque não seja um dos mais distinctos; mas é que tive com S. Ex.ª umas desavenças e quero apresentar-lhe a devida homenagem ao seu uobre character e que nunca deixei de o considerar como hoje o considero, despido de paixões.

Mas outros houve—que mesmo os Portuguezes mentiram algumas vezes—que não seguiram pela mesma esteira e para esses montei a minha imprensa e d'elles levei muitos recursos que me custaram muito dinheiro, e posso dizer que nos pamphletos nunca disse uma unica mentira e dos recursos não perdi um unico.

Resende, 1 de Janeiro de 1912.

José Joaquim Pinto Lambuça

(Segue-se o reconhecimento.)

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

1.2. *Testemunho indireto*

A – *Almanaque Ilustrado de «O Commercio do Lima»* (coord. Antonio de Magalhães), Ponte do Lima: Tipografia Confiança. Ano V, 1923, p. 42. Vd. descrição no n.º 262.

O poema, transcrito por José Machado, vem assinado por “J. P.”

Arquivo documental

Este poema foi publicado no Almanaque de 1923 (vd. *supra* testemunho A), por José Machado, que o fez preceder da seguinte introdução:

Uma poesia inedita de João Penha

Possuo algumas poesias ineditas de João Penha.

A que hoje publico é a resposta a uns versos que fiz e deixei no escriptorio daquele distinto advogado, estando ele ausente. Não sei reproduzi-los e a Literatura Nacional nada perde com a sua falta. Lembro-me, porem, de que, traduzida em prosa essa minha poesia, lembrava ao poeta das Rimas que não podia haver jardins sem flôres, nem poetas sem amôres.

No dia immediato, ás seis horas da manhã, João Penha deixou pessoalmente em minha casa a poesia que vou reproduzir.

